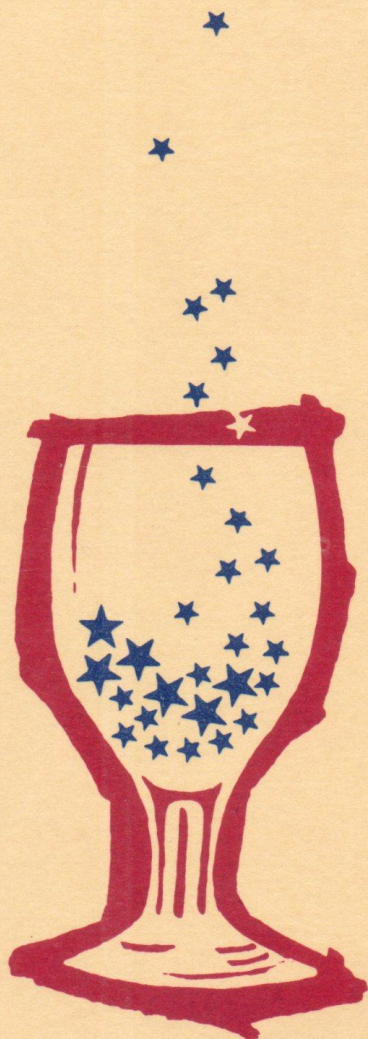


Tupã Gomes Corrêa \*



*Licor de  
Amêndoas*



Instituto Literário

"(...) Acabou acostumando-se com a idéia de sempre integrar a minoria dos bafejados pela sorte. Enquanto o pai viveu, usufruiu de uma situação mais ou menos estável, que lhe permitia viver, estudar e ombrear com os abastados. E, o que era melhor, tudo isto sem trabalhar.

Chegou até a bacharelar-se em direito numa tradicional escola de leis da capital. Morto o pai, já formado mas sem o talento para o exercício de profissão tão cheia de artimanhas, continuou às expensas da mãe, à sombra da avó materna e ao lado de algumas tias solteironas, que lhe proviam de recursos abundantes, para que pudesse gastar sem preocupações.

Com esses valores alheios podia freqüentar festas concorridas, nas quais se permitia o convívio com alguns políticos de relativa fama, religiosos de moderada hierarquia, homens públicos e os notórios da sociedade. Tudo com muita pompa e circunstância, o suficiente para fazê-lo esquecer de trabalhar e ganhar a própria vida. (...)"

### Mestre de Cerimônias



*Licor de Amêndoas*



*Tupã Gomes Corrêa*

---

*Licor de Amêndoas*

---

Instituto Literário

© Tupã Gomes Corrêa (Victor Aquino)  
Instituto Literário - São Paulo SP Brasil - 1995

Todos os direitos reservados  
São Paulo - SP - Brasil  
Foi feito o depósito legal

1ª edição: julho de 1995

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

C824L      Corrêa, Tupã Gomes  
Licor de amêndoas / Tupã Gomes Corrêa. — São  
Paulo : Instituto Literário, 1995.  
127 p.

**ISBN 8585-85911-01-3**

1. Contos brasileiros - Século 20 I. Título.

CDD 20.ed. - 869.34

---

**Artes e concepção de capa:**  
Criação original e desenvolvimento de  
Sandra Maria Ribeiro de Souza  
São Paulo SP  
Brasil

*Para*

*Tais*  
*e*  
*Tulius*





## *Sumário*

- Mestre de Cerimônias* – 11
- Um Mercador Alucinado* – 33
- Licor de Amêndoas* – 37
- Tão Longe de Casa* – 55
- Pecados Conexos* – 63
- O Ladrão de Budapeste* – 67
- O Reencontro de Narciso e Marcília* – 71
- Torresmo Doce* – 83
- O Suicídio do Cinamomo* – 89
- Festa do Divino* – 101
- O Homem que Cheirava Bem* – 113
- Dívidas e Dúvidas* – 117
- Resíduos de Licor* – 121
- Da Grandeza dos Miúdos (Cremilda Medina)* – 123



## *Mestre de Cerimônias*

— Aí não! — berrou o burocrata gordo, “paletó sob medida, de Mr. Porter & Sons”, como sempre diz, dissimulando a procedência da roupa barata, para em seguida arrematar:

— Broadway, New York.

O outro senhor, um pouco menos obeso, quase calvo, inclinado sobre a mesa, apanhado de surpresa pelo berro do agitado mestre de cerimônias, manteve-se imóvel uma fração de segundos no exato ponto em que se encontrava, a meio caminho do assento.

Foi colhido no preciso instante em que já ia deixar de oferecer resistência mecânica à lei da gravidade. A expressão dos olhos fundos no rosto encovado, descontrastando com o relativo volume do corpo, mereceu acréscimo de espanto e, ao mesmo tempo, traços de um risinho maldisfarçado.

Reergueu-se. Sem entender muito bem o que se passava, um pouco encabulado, afastou-se da enorme mesa de reuniões, improvisada pela junção de quase uma dúzia de mesas da churrascaria. Procurando dissimular a gafe, encontrou passagem pela entreaberta porta do sanitário masculino.

O agitado burocrata, como de costume superarrumado, parecendo ter sido engomado a ferro, distribuía o tradicional sorriso ensaiado, sem conseguir ocultar a prótese de má qualidade, que o baixo salário de funcionário público ainda impedia melhorar. Movia-se de um lado a outro indicando cadeiras segundo a ordem de importância dos convivas.

Estava mais estufado do que nunca naquela manhã de reunião extraordinária do conselho curador da Ordem de Santa Etelvina. Orgulhosíssimo, estava a ponto de estourar de importância. Isto porque lhe coubera a honra de, nas suas próprias palavras, “fazer o cerimonial”. Aquela seria uma das mais marcantes reuniões da confraria.

No ano anterior, quando oferecera nababesca recepção pelo casamento da única filha, também brilhara assim, sentindo-se o centro das atenções. Mas agora era diferente. Naquela ocasião, aliás, destacara-se mais pelo fato de ter a moça, em período então recente, concorrido ao título de Miss Jacuisinho do Sul, pelo União Clube Concórdia Comercial da cidade. No vilarejo, entre outras ocupações, exercia com destaque a presidência dos Vicentinos e a segunda secretaria da Associação Litero Musical e Recreativa.

Estava eufórico. Na medida em que os demais membros e convidados chegavam, acotovelando-se no amplo salão da Churrascaria do Chico, enfumaçado por palheiros, cigarros baratos, cigarrilhas e charutos também baratos, uma negra velha de avental azul lavado servia café quase frio. Dona Aurora Pontes, servente da prefeitura emprestada pelo mandatário local, costumava deixar o trabalho de limpeza no paço municipal, para auxiliar no serviço de improvisado bufê nas reuniões da augusta ordem.

O expedito burocrata, duas vezes derrotado em eleições para a câmara de vereadores de Jacuisinho, apesar de lá não residir (mas ali ser eleitor) corria de um lado para outro, verificando, determinando, como se comandasse uma brigada de campo na iminência do combate. Na maior parte, eram pessoas da capital, senhores de gabinetes governamentais, escriturários níveis I e II naturalmente, colegas antigos de militante burocracia, convidados pelo mestre de cerimônias, que aguardavam o início do evento.

De algum modo, o obeso funcionário, nas horas vagas era gente muito importante. Mormente em redutos distantes o suficiente para que as pessoas não soubessem qual importância ele realmente tinha. Em Jacuisinho, por exemplo, era o doutor Arno Schneider, comendador (para os não-intimos) da Ordem de Santa Etelvina, presidente da Irmandade dos Vicentinos e segundo secretário da Associação Luiz de Souza Carmo Pinto, de Cultura Musical, a entidade mantenedora da Lira Municipal.

E, ainda, mais a título de melhorar as finanças domésticas, também proprietário do serviço de alto-falantes da localidade, com periódico funcionamento dominical, depois da missa das dez, é claro, até um pouco antes da matiné cinematográfica do Salão Ritz. Vivia por conta de alguns anúncios de secos e molhados e do patrocínio da hora certa pela única farmácia. Ou, melhor, Pharmacia Santo Onophre, de Juraci Mendonça Caldeira, o boticário membro e colega de confraria.

“Serviço Ajax de Utilidade Pública”, intitulava-se a barulheira dos alto-falantes da praça. Já se metera em boas com o padre, o delegado e o proprietário do cinema local. Porém, um bem conduzido entendimento sobre horários de funcionamento e altura do volume dos anúncios pôs uma pá de cal sobre tão graves divergências. Hoje, contudo, não estava se preocupando com nada além da função que lhe coubera, enquanto importante organizador daquela reunião especial.

Quase ninguém sabia muito bem o que acontecera há um mês, quando o secretário estadual do Bem Estar Social, numa festa de aniversário da netinha caçula, residente na vizinha Lima Verde, viera a se inteirar da Ordem de Santa Etelvina e dos trabalhos assistenciais desenvolvidos sob a sua tutela.

Seu Juraci, como era conhecido o boticário, amigo de uma família residente ao lado da domicílio do genro do secretário, em visita de almoço domingueiro ao amigo, deixou-se ficar até mais tarde e, por contingência, acabou acompanhando o dito, “apenas para cumprimentar”, até a residência do vizinho. Ime-

diatamente estava sentado à direita de Sua Excelência no sofá da sala, discorrendo sobre sua “valorosa cidade natal”, “bons ares por lá”, “clima seco”, coisa e tal. Naturalmente, também sobre a Ordem de Santa Etelvina, “de muita valia na assistência aos humildes e desamparados”.

Semanas depois, acompanhava o prefeito à capital do Estado para entrevistar-se com o Excelentíssimo doutor secretário. Sem marcar audiência, nem nada. Por isso mesmo, osso duro de roer. Problema dos mais sérios, porque além de chegar à secretaria pelo emaranhado de ruas tortas e movimentadas, cheias de sinalização, semáforos e placas, a que não estavam acostumados na pacata cidadezinha de origem, havia o costumeiro problema da audiência não marcada.

A essa altura, lembraram-se do confrade Schneider. Por acaso, no caderninho de clientes em débito, sempre junto e bem à mão do proprietário da Pharmacia Santo Onophre, encontrava-se um telefone, “o meu particular da repartição”, como costumava frisar o doutor Arno. “É só discar, minha secretária por-me-á na linha em segundos”, e acrescentava des- conversando: “o de casa não adianta dar, pelo fato de sempre me encontrar fora, em representação do superintendente”.

Discaram várias vezes, até encontrarem desocupada a “linha particular”:

- Superintendência dos Esgotos, boa-tarde.
- O doutor Schneider está?
- Quem?
- O doutor Arno... desculpe, o comendador Schneider.
- Ah... Momento, que ele já vem.

Com o fone no ouvido, sob um orelhão de esquina movimentada, onerando a verba de representação da PMJ em mais de vinte fichas perdidas pela falta de prática em aparelho tão urbano, o primeiro mandatário de Jacuisinho, entre um ruído e outro, além de não compreender os detalhes da conversação, perdeu a frase da moça que atendeu o chamado:

— Arno — uma vez e, mais outra, quase gritando:

— Arno! Telefone prá você!

Queriam falar com um secretário de Estado numa mesma tarde, para economizarem o hotel e voltarem no mesmo dia. Missão quase impossível, vencida apenas e excepcionalmente através de mecânicas, as mais ilógicas e absurdas.

Só mesmo uma amiga da secretária particular de sua excelência, o motorista de um oficial de gabinete, o primo do irmão de um vizinho da cozinheira de influente deputado ou, no caso, o próprio comendador Schneider dispõem a habilidade de manejar tais mecanismos...

Aliás, tinha esse nome, mas não era tão puro de origem assim. Recebera-o por parte do pai. A mãe descendia dos Amarais Fontouras, de certa “quatrocentenidade” na Capital. Os quais, pela terceira geração, adquiriram um sítio em Jacuisinho, que mais tarde lhe coubera por herança. Com os anos, viria a empatar a propriedade no empreendimento de comunicação social, o “Serviço Ajax de Utilidade Pública”.

Até essa venda e durante muito tempo, o sítio seria sempre mencionado em círculos de amigos da Capital como a “fazenda de café de vovô Prudêncio Fontoura”.

Burocrata “vintenário” da repartição de esgotos e saneamento do Estado, nunca chegara a exercer cargo mais elevado além de uma chefia na seção de vistoria de vazamentos. Por falta de pessoa melhor qualificada, no lugar do chefe anterior que se aposentara, fora recentemente elevado de função. Mas, como ninguém, conhecia meio mundo em outras repartições do governo.

Pagadorias, recebedorias, expedientes, protocolos, divisões de pessoal eram sempre visitados por ele, à procura de favores mais ou menos disfarçados. Mesmo sem os encontrar jamais, continuava por esses caminhos a peregrinar. Motivo pelo qual, por certo acaso, na ocasião do telefonema, lembrou-se do doutor José Norberto Affonso Seco, “muito meu amigo”,

o chefe de gabinete do secretário do Bem Estar Social. —

Amigo, na realidade, não era.

O chefe de gabinete trabalhara há muito tempo em outra repartição dos esgotos. Daí passara para a secretaria do trabalho, onde exercera meia dúzia de cargos e funções de pequena importância. Quando o antigo companheiro de dadinhos fora nomeado titular da pasta da promoção social, recebeu convite para chefiar seu gabinete. Ele ainda estava na secretaria do trabalho, quando, ao procurar diligência mais eficiente para um vazamento de fossa sanitária domiciliar, reencontrara Arno Schneider.

Detalhes de instalação irregular sujeita à multa, encontrados na ocasião na residência do solicitante e imediatamente sanados por um desses favores automáticos do serviço, quase sempre prestados mais por interesse do que por simpatia, deixaram o atual chefe de gabinete da promoção social de algum modo agradecido. Foi precisamente esse episódio que lhe mereceu o trabalho de interpor, entre uma audiência e outra, a do prefeito de Jacuisinho.

O mesmo episódio, devido “à importância de sua participação”, granjearam ao doutor comendador relevante prestígio e maior destaque do que já vinha privando na pequena localidade. Passaria, a partir daí, a ser cortejado bem mais do que já era. Era saudado com reverências espichadas até o chão: “olá doutor”, “como vai comendador”, “como tem estado a vida na capital doutor Schneider” e assim por diante.

A gordura aumentou com almoços para os quais passou a ser convidado. Cintura grossa, queixo erguido, ia gozando a seguir os fins de semana entre a livre iniciativa do empreendimento “Serviço Ajax de Utilidade Pública”, os compromissos beneméritos e a vida social.

Até descobrir sem querer, num jantar é claro, a razão da entrevista “que consegui para o Jacinto com o secretário”, na Capital. Jacinto, era como se dirigia agora ao prefeito, tornado



compulsoriamente íntimo após a dita audiência.

— Você não pode, de maneira nenhuma, oferecer um almoço para homenagear um secretário. Afinal o cargo dele é muito mais importante do que seu. O homem é secretário de Estado. Secretário de Estado tem precedência sobre qualquer prefeito.

Coisas de cerimônia, que certa feita ouvira de um coordenador de protocolo na repartição dos esgotos, quando este preparava inspeção governamental a novo sistema coletor de detritos. Coisas que disse e frisou com ênfase profissional quase histórica, como se subjetivamente fizesse a indicação da própria pessoa para coordenar o próximo evento de Jacuisinho. O acontecimento seria pretexto para, após muita cerimônia, fazer o secretário incluir a PMJ na pauta das dotações assistenciais do Estado.

Acabou conseguindo o pretendido.

Ao invés de ser o prefeito a homenagear o secretário, seria o grão-chanceler da Ordem de Santa Etelvina, que, “numa reunião de trabalho”, para destacar os “relevantes serviços prestados à causa pública”, condecoraria o homem público.

— Depois disso, aí sim, você o recebe para uma visita à prefeitura. (A Lira só toca lá!) Poderá até, quem sabe, ir à câmara para receber o título de cidadão jacuisinhense.

O que era praticamente impossível, por serem todos os edis da oposição e vetarem sistematicamente qualquer proposta que fosse iniciativa do prefeito. Porém, em face do interesse pessoal do boticário, cidadão que todos sabiam ser quem manobrava os destinos do município, a idéia do título honorífico era muito boa e tudo viria a ser arranjado sem problema.

Foi assim que, utilizando-se de um compadresco entre o doutor comendador e um dos vereadores, mais uma vez, seu Juraci da Pharmacia Santo Onophre aconselhou Jacinto, amigo de malha, gamão, licor de jurubeba, confraria e política, a solicitar a intervenção do mesmo junto aos vereadores.

Tudo foi devidamente acertado no “programa oficial da visita de Sua Excelência, o senhor secretário de Estado para assuntos do Bem Estar Social, à Ordem de Santa Etelvina e ao município de Jacuisinho”.

Aproveitando-se, então, de um fim de semana para rever a filha, o genro e a netinha predileta, não viu porque não fazer pequeno intervalo em Jacuisinho, local por onde sempre passava cinco minutos de viagem antes do costumeiro destino. Invariavelmente, estava sempre com vontade de ir ao banheiro quando o carro cruzava o trevo de acesso à pequenina cidade. O motorista até já se habituara, ao passar a rotatória, a dar uma paradinha no acostamento de grama alta...

Mas exigiu que fosse tudo muito breve e rápido para não atrasar o almoço com os descendentes. Insistiu também no envio de convite ao coronel Pompeu de Barros, chefe político já em declínio, mas ainda dono de gorda fatia eleitoral nas cercanias.

Programação rigorosamente cronometrada à véspera, num ensaio onde o mestre de cerimônias fez as vezes de Sua Excelência, com muito cuidado e atenção para não retardar, conforme o pedido, o almoço do secretário com a família, alguns quilômetros à frente.

Finalmente, o grande dia. Grande dia, não se sabe para quem maior. O ainda ausente confrade Juraci Mendonça Caldeira, também pretendente a uma interferência direta do secretário no Conselho Regional de Farmácia, onde um problema qualquer de documentação embaraçava necessário despacho há anos, preocupara-se com todos os detalhes, que agora o comandante em chefe das operações de cerimônia fazia cumprir.

Recepção à entrada da cidade, cortejo pomposo até a sede da confraria, discursos, imposição da comenda, traslado para a prefeitura, visita simbólica, passagem à câmara, titulação. Além do cerimonial na Ordem de Santa Etelvina, onde estaria

em maior evidência, teria também participação obrigatória nas demais cerimônias, ao lado do juiz, do promotor, do delegado, do exator federal, do pároco, da diretora da escola de primeiro e segundo graus e do coronel Pompeu, a quem redigiu barroco convite: “de ordem do excelentíssimo senhor prefeito municipal tenho a honra...”

O senhor prefeito, Jacinto só para o comendador Schneider, também muito interessado no acontecimento, em razão de uma pequena verba da assistência social para o município, estava levemente agitado. Afamado pela usura, o coronel Pompeu de Barros costumava asseverar: “cidade pequena, com pouco pobre, deve dispor de pouco dinheiro para a pobreza”.

Apesar da magra quantia esperada, ainda assim todos estavam tão radiantes quanto o prefeito. Arno Schneider, este sim, sem interesse algum e ao mesmo tempo com todo o interesse do mundo, sempre voltado para qualquer coisa grande ou de grande relevância perto de pessoas de prestígio, este sim sentia-se contente o bastante para transparecer a euforia, a agitação, a solenidade.

Por conta dessa mesma natureza, e talvez, pela notória influência atestada ao conseguir audiência numa mesma jornada, coube-lhe coordenar as solenidades. Razão pela qual solicitou dispensa ao seu diretor nos esgotos para sair mais cedo na sexta, viajando imediatamente a Jacuisinho, com vistas a preparar-se para coordenar a homenagem do domingo. O “cerimonial”, como costumava dizer.

Acompanhou o prefeito à entrada da cidade para a recepção inicial, onde estranhamente não compareceu para engrossar a comitiva o Juraci da farmácia, figurante altamente interessado no acontecimento. Partiu, depois, liderando o cortejo até o início das homenagens. Soube-se, bem mais tarde, que uma dor de barriga, provocada por excessos alimentares em companhia de um boêmio local, que não encontraram entre os produtos de sua botica o colagogo que aplacasse os desagradá-

veis efeitos da comilança, afastaram-no dos festejos tão aguardados.

Como este não chegava, o jeito era começar sem ele. Acomodou o secretário na cadeira de respaldo mais alto bem ao centro da mesa, distribuindo lugares conforme a importância dos presentes. O único inconveniente terá sido aquele cidadão que ia tomando assento bem à esquerda do secretário. A cadeira da direita, naturalmente, era assento privativo do prefeito Jacinto, observados os pressupostos da mais rígida convenção protocolar.

Tudo arranjado, não chegando também o coronel Pompeu, que deveria ficar à esquerda, ao lado do Juraci, também ausente, nada restava senão começar. E assentou-se, ele mesmo, bem ao lado de sua excelência.

— Declaro aberta esta sessão — ouviu-se o prefeito e presidente da confraria pronunciar.

Depois, discursos rápidos, palmas, agradecimentos e, novamente o prefeito-presidente:

— Está encerrada a sessão.

E foram todos, em comitiva, para o paço municipal, liderados pelo doutor comendador Arno Schneider, rebentando de importância. O mestre de cerimônias ia anunciando, epilogando, acompanhando.

Há pessoas, como Arno Schneider, que jamais se sentem vítimas de nada. Nem da própria história. Pois quando, vez ou outra, está em jogo o futuro, a glória e a importância pessoais, lutam desesperadamente. Não para sobreviver, mas para aparecer, para estar na pauta dos acontecimentos de cada dia, para brilhar ainda mais.

Depois, qualquer que seja o resultado, acabam sempre repousando sobre louros de uma vitória pretensamente conquistada à sua maneira, nos limites do reduzido universo pessoal, cercados pela geografia da própria limitação, que nunca acreditam possa existir.

Arno Schneider, encontrava enfim o momento de glória há tanto perseguido. Até então, aquilo tudo fora apenas sonho. Mas eis que o destino permitia-lhe a suprema ventura de caminhar lado a lado de um político de segunda grandeza, em presença de tanta gente conhecida, naquele domingo de cerimônia.

Filho de pequeno comerciante de origem alemã com senhora “do lar”, por determinado período da vida coube-lhe representar a ascendência materna. Este era o único vínculo de família que se permitia invocar em lembranças de riquezas e títulos da velha e decadente aristocracia do café. Estudara nos chamados bons colégios, onde bem cedo tinha aprendido a diferença entre estes e aqueles em que estudavam os companheiros de infância menos privilegiados.

Embora sem ligar muito ao preço do aprendizado nos estabelecimentos tradicionais, enchia-se de orgulho e explodia de arrogância por pertencer à classe social que ele próprio imaginava constituir uma afortunada elite.

Acabou acostumando-se com a idéia de sempre integrar a minoria dos bafejados pela sorte. Enquanto o pai viveu, usufruiu de uma situação mais ou menos estável, que lhe permitia viver, estudar e ombrear com os abastados. E, o que era melhor, tudo isto sem trabalhar.

Chegou até a bacharelar-se em direito numa tradicional escola de leis da Capital. Morto o pai, já formado mas sem o talento para o exercício de profissão tão cheia de artimanhas, continuou às expensas da mãe, à sombra da avó materna e ao lado de algumas tias solteironas, que lhe proviam de recursos abundantes, para que pudesse gastar sem preocupações.

Com esses valores alheios podia freqüentar festas concorridas, nas quais se permitia o convívio com alguns políticos de relativa fama, religiosos de moderada hierarquia, homens públicos e os notórios da sociedade. Tudo com muita pompa e circunstância, o suficiente para fazê-lo esquecer de trabalhar e ganhar a própria vida.

Em conversas com uns e outros, nos enunciados do que se tem e do que se não tem, nas equiparações do seu com o dos outros, no afã das medidas aos mínimos detalhes da própria fortuna, acabou por passar a freqüentar o sítio de Jacuisinho, quase sempre durante as semanas que não lhe indicavam melhor programa, só para dizer em jantares de sábados e domingos nos clubes grã-finos da capital:

— Acabo de voltar da fazenda, onde...

Mas os anos passaram logo, levando-lhe a mãe, a avó, as tias, o dinheiro.

Obrigado a enfrentar a realidade imediatamente, passou nos trocos o pequeno sítio do interior e, com alguma visão comercial, instalou o pequeno serviço domingueiro de alto-falantes na localidade. Mal dava para viver, é claro.

Por isso, na primeira oportunidade, casou-se com alguém que o auxiliasse nas despesas particulares, claro. A vítima dessa iniciativa seria então uma professora primária do lugar, quem, por razões de pequeno porém visível defeito físico, ia sobrando sem companhia, às gerações.

No princípio pareceu que as coisas iriam se restabelecer outra vez. O tio da moça, comerciante de alguma fortuna, por ser tutor de incômoda zarolha não achou má a idéia de vê-la enfim conseguir casamento. Mas exigiu do futuro marido o compromisso deste arrumar trabalho mais condizente, evitando assim o risco de, mais dia menos dia, ter ele mesmo que socorrer financeiramente os dois.

Além de apresentar o noivo na superintendência dos esgotos, com recomendação de amigo influente para uma vaga de escriturário, conseguiu também a transferência da sobrinha para uma escola pública da Capital.

Depois do nascimento da filha, todavia, movido cada vez mais pela sede de voltar a acontecer socialmente, cansando exaustivamente a pobre mulher, acabou por levá-la a exigir separação. Não desejava ela ser madame de clube. Até porque o

defeito visual aborrecia-a muito, principalmente quando a transformava na vitrine dos cochichos alheios em festinhas e reuniões a que o marido insistia em comparecer.

Pacificamente, então, separaram-se. Isto é, saiu de casa, deixando com a mulher a incumbência da educação e do sustento da pequena filha. Mudou-se para uma pensão e, depois disso, a vida assumiria o ritmo antigo de festas e badalações. Deve ser acrescido que, com o emprego na superintendência dos esgotos, confortavelmente arranjado antes do matrimônio, podia dar-se outra vez a pequenos luxos, revivendo antigas futilidades.

Assim transcorreram vinte anos. A filha cresceu, estudou e, em certa época da vida, elegeu-se Miss jacuisinhense, “só prá contentar papai”. Naturalmente, a vida no interior continuava a complementar seu estilo com a importância que queria dispor, mas que, por conta de padrões bem mais definidos, jamais poderia usufruir na Capital.

Eis que o aparecimento daquele secretário em sua vida, mais do que um acontecimento de rotina, era coisa especial, um degrau para a fama e o intermediário possível para algum cargo mais nobre nas esferas elevadas do governo.

Pensava nisto, projetava-se às alturas.

De tal sorte que, encerradas as festividades por ele coordenadas no lugarejo, outro acontecimento viria a aproximá-lo ainda mais do visitante ilustre. Sem conhecer os hábitos íntimos da autoridade a cada viagem à região, ignorava sua periódica estacionada para aliviar a bexiga no acostamento de grama alta.

Recebido sem satisfazer a necessidade, o secretário foi obrigado a andar, sentar-se, discursar por duas vezes, elogiar, acompanhar, solenizar durante todo o evento naquele domingo. Quando acabou estava mais do que apertado. Tanto, que se via prestes a ser acometido pelo inconveniente descontrole das funções urinárias. E justo em local público.

Arno Schneider percebeu a situação. Antes mesmo que Sua Excelência solicitasse qualquer favor nesse sentido, prontificou-se. Indicou o caminho, acompanhando o velho político até o banheiro das “damas”, apropriadamente menos imundo na churrascaria... Claro, ficou esperando à porta.

A pausa na solenidade, o caminho de volta à comitiva e o trajeto para as despedidas outra vez na entrada da cidade, ao lado do exausto mas muito mais à vontade senhor, permitiu-lhe elogiar as “magníficas palavras de Vossa Excelência, como há muito não se ouviam nestas paragens, nem na Capital”.

Em meia dúzia de frases, registrou com intimidade sua aproximação à autoridade, colocando o secretário a par de sua vida funcional. Nos mínimos detalhes:

— É interessante, gosto muito do trabalho, mas gostaria mais de estar atuando na esfera de minha especialidade, a comunicação, atividades de *public relations*, o *lobby*, o cerimonial.

Uma semana depois, com carta de recomendação do coronel Pompeu, que estivera ausente nas solenidades de Jacuisinho, encontrava-se na ante-sala do secretário de Bem Estar Social, aguardando a vez de ser atendido.

Descobrira, de conversa em conversa, as ligações do velho político local com o titular da pasta, adoçadas por antiga amizade escolar. Procurara depois o caminho de sua fazenda e, com interminável história de que o “secretário mesmo foi quem me aconselhou a procurá-lo para me orientar”, conseguiu a única orientação que tinha em mente: uma carta de recomendação que ele próprio redigira, solicitando para si um cargo vago no gabinete daquela autoridade.

Duas horas e quarenta minutos depois, ao ser recebido, entre “o coronel está melhor” e “estava acamado, não pôde comparecer à cerimônia de domingo, pede-lhe desculpas”, entregou a carta. Junto, um memorial, extenso “curriculário” de realizações pessoais. Tudo muito bem-encabeçado pelas ativi-



dades “à testa do Serviço Ajax de Utilidade Pública”, na qualidade de seu “presidente e diretor comercial”.

Gostou muito das referências amáveis que lhe fez o secretário. Principalmente quando, ao mencionar que faltava alguém em sua equipe para organizar as comemorações da secretaria, referiu-se a ele como “homem de comunicação”. Rótulo imediatamente anexado ao rol de incontáveis autoqualificações.

O secretário era homem prático. Havia, sim, uma vaga no gabinete, que há muito vinha sendo solicitada por postulantes sem a “qualificação desejada”. Isto é, sem a necessária indicação política que a carta do coronel Pompeu representava. Não chegava a ser uma qualificação de tanto peso assim, mas também não era de se jogar fora, desconhecendo-se a influência regional do missivista apresentante.

Além do mais, havia o fato do comendador Schneider ser pessoa de trato, conhecedor de protocolo. Coisa rara nesses dias. Homem sensível para com as atitudes públicas, demonstrara proficiência nas cerimônias de Jacuisinho. Afora tais indicativos, era antigo colega de funcionalismo de seu chefe de gabinete. Parecia conhecer meio mundo na política.

Algumas semanas mais tarde o diário oficial trazia a publicação do comissionamento de Arno Schneider, chefe de seção padrão 17-M, da Superintendência dos Esgotos, junto ao gabinete do senhor secretário de Estado para os negócios do Bem Estar Social.

Os amigos de Jacuisinho, orgulhosos de tão importante companhia nos fins de semana, viram-no aos poucos deixar de aparecer. Primeiro, negociou com um desocupado local a venda do “Serviço Ajax de Utilidade Pública”. Depois, a casa. Mas tiveram ainda tempo de vê-lo brilhar, quando fez batizar o primeiro neto com pompas quase nobiliárquicas na igreja matriz, pelo cônego Raimundo das Chagas.

Aos poucos, solicitou demissão dos cargos honoríficos que ocupava na Ordem de Santa Etelvina, na Associação dos

Vicentinos, na Lira Municipal. Então, desapareceu por completo do lugarejo.

Passava agora os dias metido da manhã à noite no gabinete da secretaria, fazendo-se circular entre os que aguardavam para falar com o secretário. Realmente apreciava aquilo. Muito mais que se exhibir em conversas domingueiras na churrascaria do Chico, em Jacuisinho, ou nas sessões da confraria.

Na verdade, continuava o inveterado burocrata, chegando e saindo no horário, como fazia anteriormente na superintendência dos esgotos. Volta e meia passava os olhos em expedientes internos, despachando-os à “consideração superior”. Não levou muito tempo para entender a mecânica daquela representativa função. De um palpite aqui, a uma opinião ali, acabou por ser encarregado pelo chefe de gabinete de todas as tarefas referentes ao cerimonial e ao protocolo.

Tais tarefas eram antes executadas por um jovem funcionário da secretaria, lotado no gabinete, a quem costumava referir-se:

— Simpático, mas meio sem jeito para a coisa.

Acompanhava por todo o lado sua excelência. Toda a semana era um ir e vir “a palácio”, a festas sem conta, a jantares em consulados, coquetéis vários. Quando a ocasião permitia, também acontecia em recepções que ele próprio organizava para o secretário oferecer no próprio gabinete.

Estufado com tantas iguarias, agüentando por vezes passageiros malestares provocados pelo excessivo comer ou beber, encontrava-se sempre a postos em sua mesa de jacarandá da Bahia, parte da nova compra de móveis para a secretaria, que ele mesmo instara o secretário a substituir.

Deu idéias, discorreu sobre um enorme rol de assuntos complicados sobre questões ligadas à “imagem pública do titular da pasta” e acabou por merecer *honoris causa* o pomposo e inconfundível título de *public relations* do gabinete, do qual jamais iria se separar.

Era demais. Fora, enfim, “notado”.

Um desses cronistas metropolitanos, em coluna diária de louvação gratuita e etérea, assinada em jornal de quase nenhuma valia, vez ou outra mencionava em legendas de fotos de meio corpo, copos de uísque na mão, ares cerimoniais, “da esquerda para a direita o secretário do Bem Estar Social, o doutor fulano da secretaria tal e A. Schneider, RP do Bem Estar Social”. Lia tudo com avidez. Via as fotos mais de uma vez. Quase morria de júbilo.

O tempo foi passando. Foi-se um governo, veio outro. Compareceu à posse do novo secretariado estadual. Cumprimentou o novo secretário na transmissão do cargo. As linhas cruzadas da vida mantiveram-no, como peça indispensável ao protocolo interno, no mesmo gabinete.

Continuou a opinar e a dissertar sobre as razões da comunicação governamental. Todo mundo, inclusive o novo secretário, ficava estarecido com tanto saber promocional.

Entendia tudo de cerimônia. Sabia tudo de protocolo. Teorizava sobre normas de precedência. Conhecia detalhes raros. Era capaz de estabelecer, com precisão matemática, qual assento que devia ser ocupado no transporte de qualquer passageiro ilustre. Ainda que tal passageiro fosse alguém tão inesperado quanto o arcebispo metropolitano ou que o meio disponível de transporte fosse algo tão prosaico quanto uma kombi.

Discutia detalhes ímpares, que iam da necessidade protocolar das cadeiras ao gênero de louças e cristais, que deveriam ser utilizados num almoço de primeira comunhão. Sem falar, é claro, em questões mais instigantes, a exemplo do verdadeiro lugar onde devem estar num banquete os discutíveis paliteiros.

Só usava *blazers* com monogramas. Bem, monograma era o que não faltava na composição indumentária. Lenços, camisas e outras peças, todas bordadas à mão, com o necessário toque de personalidade.

Um longo tempo se passara desde que se vira obrigado a

gastar conversa com os amigos simplórios do interior. Finalmente, retornara ao verdadeiro círculo de origem.

Quase antes de se retirar da assim chamada vida pública, naturalmente com uma gorda aposentadoria acumulada de vantagens, méritos, representações, quinquênios, sextas partes e outras vantagens, decidiu-se pela realização de uma “obra de vulto”, com a qual pretendia assinalar a venturosa passagem pelas lides protocolares.

— Quero legar ao serviço e à posteridade a contribuição de minha experiência pessoal insistia em dizer.

Não raro repetia esse projeto para uma audiência quase sempre formada por secretárias, escriturárias, contínuos, servidores administrativos, assessores, assistentes e oficiais de gabinete, deslumbrados com tanto saber protocolar:

— As novas gerações carecem de uma instrução que é tão útil quanto indispensável.

Publicou, às próprias custas, claro, robusto volume de bem mais de setecentas páginas, entremeado de normas protocolares, indicações sobre organização de banquetes, promoção de festejos, realização de eventos, participação em solenidades.

Às vésperas de retirar da gráfica na carroceria de uma caminhonete a fardosa encomenda, sempre zeloso das referências sobre a própria pessoa, insistiu no rascunho de uma meia centena de linhas manuscritas sobre suas realizações. Após algum trabalho extra dos tipógrafos, encimado por fotografia tirada há mais de vinte anos, viu incluir na contracapa do alfarrábio os dados pessoais que julgava “indispensáveis ao conhecimento do leitor”.

Acompanhado de *release* especialmente elaborado para a comercialização do trabalho, alcançou, como manda a lei da divulgação expedita, todos os meios de comunicação possíveis e imagináveis. Logrou a formidável proeza de projetar-se como o astro de uma ciência nova, quase profeta na arte da inutilida-

de e dos frívolos rapapés, com que costumeiramente se destacam os “aspones” dessa atividade. Sem economizar palavras, o zeloso texto de divulgação enfaticamente anunciava: “são mais de 700 páginas com informação indispensável sobre normas de protocolo e precedência. Obra tão útil quanto altamente necessária para homens de negócios, pessoas bem-sucedidas que recebem, e pessoas que organizam ou participam de recepções, a exemplo de políticos, empresários, executivos, militares e esposas atentas aos acontecimentos da sociedade. Também é muito útil aos diretores de companhia e religiosos envolvidos com cerimonial”.

Jornais menos avisados, em cujas redações sempre há gente entusiasmada e novidadeira o suficiente para divulgar aberrações do gênero, chegaram a brindá-lo com algumas linhas de inútil laudatório. Em um deles o autor recolheu aquilo que poderia ser considerado como a peça de resistência de sua promoção:

*Arno Schneider, antigo assessor de cerimonial da Secretaria de Bem Estar Social, especialista em protocolo e precedência, lança o livro que faltava sobre o assunto. Tratando essa importante matéria de uma maneira acadêmica, madura e profissional, o autor coloca ao alcance dos interessados toda uma experiência de vida. Não se deve esquecer que a vida pública, mormente*

*nestes tempos em que o país se redemocratiza, carece de procedimentos que regulem os atos cerimoniais e as solenidades públicas, de acordo com as normas do protocolo e da precedência. O autor, que sabe como ninguém trabalhar os temas da boa educação, da "finesse", do refinamento e da oportuna diligência de como distribuir lugares segundo a hierarquia e a precedência, brinda-nos com este indispensável livro. Alunos dos mais variados cursos, profissionais interessados em atualização, religiosos dos mais diferentes credos e denominações, assim como acadêmicos, militares, desportistas e empresários terão agora a sua bíblia neste verdadeiro **vademecum** que certamente transformará as regras do formalismo oficial e não-oficial.*

É claro, o mesmo jornal que estampava semelhante bobagem trazia em algum espaço interior, em páginas de lazer e entretenimento, um caprichado anúncio de página indeterminada, com as informações necessárias a satisfazer a natural curiosidade do incauto comprador de tão discutível tratado:

## **Manual de Cerimonial**

*Edição do autor*

por

**Arno Schneider**

*Public Relations - Homem de Comunicação - Lobista*

*Especialista em Cerimonial e Protocolo*

Durante muito tempo, mercê de alguns contatos em duas ou três faculdades de comunicação, andou organizando o que ele mesmo chamava de “curso de extensão universitária em cerimonial e protocolo”. Evidente, sempre valendo-se de tais eventos para vender o “livro insubstituível”.

Obstinado, entendendo que a procura por publicação tão bizarra outro fenômeno não era que o da busca ingênua por novidade, bem depressa agilizou o lançamento de outro manual, tão volumoso quanto o primeiro, repleto de novas teorias e fórmulas grandiloqüentes, num bizantino apelo aos bons costumes, aos bons modos, às boas maneiras, essas coisas.

Além da matéria paga, fartamente distribuída entre periódicos de bairro e periferia na Capital, outras tantas andaram circulando em semanários do interior, diligentemente atingi-

dos pelo experto *manager*, especialista em assuntos de oportunidade.

O texto de capa referia-se à necessidade que todos temos, “empresários, executivos, militares, políticos, professores, estudantes de comunicação, *public relations* e esposas de homens bem-sucedidos de conhecer esta nobre arte que é o protocolo, a cerimônia, a precedência num sem-número de situações”.

Situações, claro, em que o exercício de uma sabedoria secular sobre a natureza do protocolo, justifica o domínio da arte com que são manejadas as convenções, solenizando-se condutas e inventando-se a precedência, com o propósito de tornar os homens oficialmente desiguais.

Arno Schneider  
Public Relations - Homens de Comunicação - Lobato  
Especialista em Cerimonial e Protocolo



## Um Mercado Alucinado

“Muito prazer. Meu nome é Lunes. Lunes Romanole. O amigo está precisando de alguma coisa? Se precisar fale comigo. Tenho de tudo. O que não tenho, consigo. Conheço muita gente. Estou no ramo de comércio exterior”.

Assim é o Lunes. Começa a falar, não pára mais. Um vomitório de conversa fiada. Vendedor, alucinado, sonhador. Sempre aparece com um “negócio das arábias”, altamente lucrativo, em algum lugar do planeta. Quem consegue escapar das complicadas tratativas, acaba aturando um falatório sem fim sobre mercadoria variada e dinheiro em quantidade.

O telefone toca na casa do Gaspar. A empregada atende. “Seu Gaspar, é o doutor Lunes de novo, o que é que eu digo prá ele?” Após alguns instantes: “diga que estou jantando, que ligo depois”.

Enquanto o patrão espera e a sopa esfria, a empregada atura quase dez minutos de conversa. Volta cheia de informações cambiais: “ele mandou dizer para o senhor, que o navio de cimento está a caminho; que é preciso fechar o negócio amanhã; caso contrário os panamenhos não vão poder segurar o preço”.

É sempre assim. Passa no clube, conhece alguma cara nova e, dependendo do ramo de atividade do recém-conhecido, procura um meio de realizar algum negócio com ele. É madeira do Paraná, pedras de Minas Gerais, arroz do Paraguai, carne da Argentina, banana da Martinica...

E sempre há um despachante, um transportador, um seleiro, um dono de armazém, um agente alfandegário, um gerente de banco, qualquer outro intermediário, imediatamente acionado para auxiliar na emergência da transação. Ou, no mínimo, para depois levar a culpa pelo fracasso do negócio.

Nunca ninguém pôs nele a menor fé. Nada que tenha feito emplacou. Toneladas de açúcar cubano que não chegaram. Outras tantas de laranja que não embarcaram. O milho intermediado entre mexicanos e asiáticos que deu prá trás. Até mesmo uma carga de café superbarato, vinda não sei de onde e indo para algum lugar, que o deixou na mão.

Sempre metido em trapalhadas e renovados projetos, ainda assim conseguiu formar o filho único em medicina. O qual, diga-se de passagem, por conta da forte influência paterna e do viés da formação, também demonstra ter forte queda pelas grandes armações. Muito afeiçoado ao pai, no intervalo de uma consulta e outra, anda sempre às voltas com sistemas de saúde e serviços particulares de assistência médica que deseja implantar.

Incorrigível articulador comercial, várias vezes já embaraçou o filho na avidéz de planos mirabolantes. Foi o caso da construção de hospital especializado, com instalações modernas e sofisticada aparelhagem importada. No fim da experiência, o pobre rapaz ver-se-ia obrigado a recomeçar de onde parara: da meia dúzia de sacrificados plantões que semanalmente faz para sobreviver.

O Lunes, enquanto vive de bicos, acompanhando o despacho e o recebimento de mercadorias para um pequeno escritório local, perde-se em devaneios ilimitados. Informações de negócios mirabolantes (por vezes escusos), que consegue interceptar, são logos transformadas no negócio de sua vida. Muni-do de uma agenda cheia de nomes e números, sai a cata do parceiro certo, telefonando, explicando, deixando recados.

Como desta vez.

— Alô. Aqui é o Lunes. O doutor Gaspar ficou de me encontrar amanhã na agência da Paulista para fechar o negócio.

— Que negócio?, indaga do outro lado o bancário, recém-chegado em casa, cansado e morto de fome.

— O do cimento nigeriano, com aqueles panamenhos, que te falei a semana passada.

— Ah, sei. Quem é mesmo que vai comprar?

— O doutor Gaspar, da GBM Construções; o preço está excelente para ele; quase um terço do nacional.

— E como vai fazer?

— Vai emitir o pagamento por sua agência, é claro.

— Por mim, tudo bem, estarei no banco às dez e meia. Só acho difícil ele ficar com a carga toda. Esse homem é um tremendo mão-de-vaca.

Foram mais cinco telefonemas para a casa do Gaspar. Uma vez estava em outra ligação. Outra, tinha ido até a garagem. Depois, estava no banho. Em seguida, o telefone tocou até estourar e nada. Quase a meia-noite, o próprio atendeu: “já te disse Lunes, amanhã a gente conversa, agora vou dormir”.

Sem se constrenger o negociador serenou: “calma, está tudo arrumado”.

— Se está, quem vai receber todo esse cimento?

— A Karol Despachos. Inclusive, o Jonas, da alfândega vai dar uma força.

— E como é que eu vou fazer prá trazer toda essa carga prá São Paulo?

— O Tourinho Transportes começa a carregar na terça.

— Mas, Lunes, ondê vou estocar tudo isso?

— Eu já falei: consegui os doze armazéns do Junqueira, até setembro.

Nada o parava. Tudo arranjado nos mínimos detalhes.

— Escuta aqui, Lunes, você tem uma mínima idéia de quanto cimento eu uso num ano inteiro de obras? (Do outro

lado da linha, silêncio).

— Você tem pelo menos uma ligeira noção sobre o que significa o carregamento desse navio? (Silêncio absoluto).

— Olha Lunes, eu até poderia entrar nessa só prá te ajudar, mas você tem que continuar com os teus contatos.

— Como assim?, indaga sôfrego o mercador.

— Ora, vê se encontra quem me compre o excedente com mais 50%, que eu arremato a carga toda.

Quando desligou, a meia-noite e dez, o Lunes tirou os óculos, coçou a cabeça e puxou o caderninho de endereços. Na sua maneira de ser, grave e imaginativo, começou a procurar alucinadamente outro personagem. O elo indispensável para a conclusão do plano mirabolante. Nunca fora tão longe.

## *Licor de Amêndoas*

Naquela noite gelada de dezembro, como fazia diariamente após o jantar, sai para minha caminhada noturna. Antiga recomendação médica ainda levada a sério. Ultimamente vinha me perguntando se ela continuaria sendo assim tão necessária. Acabara de completar os 58 anos e para mim nada havia de errado comigo. Mesmo assim continuava a fazer os longos passeios noturnos a pé.

Há intermináveis doze anos vivendo em Lichtenberg, longe dos raros familiares e dos poucos amigos que ficaram no Brasil, entretinha-me com um trabalho de escrever todos os dias durante horas. Sem outro lazer que não fora algum cinema e quase nenhum teatro, restavam-me essas caminhadas noite a dentro. Até mesmo como diversão. Eu sabia que ela era motivo de muita curiosidade nas vizinhanças, mas já não me importava com isto.

Em volta da casa modesta em que morava há dois anos, alugada de uma companhia japonesa que começara a investir na Alemanha nos últimos tempos, conseguia ver no semblante dos que me olhavam um misto de surpresa, dúvida e curiosidade. Mas isto não chegava a me preocupar. Eu era o que era. Talvez um excêntrico, enxergado fora dos hábitos do local. E andava. A cada dia, fizesse pouco ou muito frio, eu andava.

Dali a três dias seria Natal.

As lojinhas do bairro estavam todas enfeitadas, como há séculos se fazia. Saindo de casa pela entrada que dava logo na

calçada da Karlstrasse, batia a porta e tomava a direção oeste. Depois de andar em linha reta por mais de trezentos metros, detinha-me por instantes em frente às vitrines dos dois grande magazines na esquina da Fischerplatz. Às vezes comprava uns doces. Em outras, tomava um café.

Contornando a antiga praça pela direita, sempre com os seus bancos vazios, cruzava a ruela do lado oposto, passando pela igreja de Santo Agostinho. Há doze anos, na repetição do mesmo ritual, sempre me imbuía do propósito de ali voltar durante o dia e entrar para uma visita ao templo histórico. Mas acabara nunca logrando cumprir o propósito.

Depois de andar por mais de hora e meia, sempre voltava para casa pela via que margeia a linha do trem, paralela a minha rua, retornando dois quarteirões abaixo e chegando em casa pelo leste. Durante todos esses anos a única coisa que costumava quebrar minha rotina eram os dias que antecediam o Natal.

Invariavelmente, em cada uma dessas noites frias, mas alegres, um tanto barulhentas para os costumes locais, costumava ocorrer uma série de fatos um tanto fora do ritmo da cidade. Grupos de crianças, acompanhados de pais ou familiares mais velhos, sempre mais para apáticos do que entusiasmados, entravam e saíam das lojas de brinquedos numa algazarra própria da época, demonstrando essa secular alegria que acontece na data.

Nesse tempo, fosse a noite da véspera de Natal, ao cruzar a praça, sempre encontrava por ali uma velha senhora, tão idosa quanto malvestida, com um tabuleiro de docinhos secos aúcarados, cantarolando num idioma pouco comum à região. Chamava-se Natascha. A pobre mulher costumava então contar verdadeiros prodígios sobre os docinhos que ela própria preparava para vender naquelas noites, afirmando que eles realizavam maravilhas para quem os comia no dia de Natal.

Nunca comprei nenhum. Passava diante do tabuleiro, ela sorria para mim e continuava a cantarolar. Entremeava as can-

tigas na bizarra língua nativa com frases desconexas num alemão malpronunciado, única forma talvez de anunciar o seu produto.

Aos poucos, ao longo dos anos que passei na região, fiquei sabendo que ela seria húngara de nascimento. Contudo, havia os que diziam que ela viera da antiga Tchecoslováquia, no final da década de 80, mas que antes também vivera na Polônia. Para mim tanto fazia. Pouco afeito ao contato com pessoas daqueles lados, podia ser que ela fosse até mesmo russa. Havia porém um jeito doce e enigmático que me atraía nela, mas que ainda assim me mantinha distante.

Contavam-se muitas estórias a seu respeito. Houve até quem me garantisse que ela era de fato russa. Seria mais uma descendente de uma família de nobres, perdida na miséria e na desilusão de um mundo que há muito tempo acabara. Mas isso, naturalmente, podia ser decorrência da febre de lendas e casos nebulosos que costumavam acompanhar pessoas humildes e sozinhas, no começo do século XXI, vindas daquele canto do mundo.

Quase sempre havia uma relação entre fracassos pessoais e a falência dos regimes políticos do leste. Praticamente todo o mundo daquelas bandas trazia o estigma de alguma perseguição política, de algum insucesso financeiro ou de uma aventura qualquer malsucedida. E com a velha Natascha não podia ser diferente.

O que mais chamava a atenção, contudo, era o fato de só se encontrar a sua estranha figura na noite da véspera do natal. Nem um dia a mais, nem um a menos. Nunca. E, depois, passar-se o ano inteiro sem vê-la. Era curiosamente estranho que todas as pessoas, embora sabendo desse particular sem jamais terem tido a menor idéia de onde ela morasse, com quem viveria, de que sobrevivia, não se espantassem sequer ao reencontrarem-na a cada ano. Sempre na véspera de Natal.

Tanto, que eu próprio também acabei me acostumando

com esse fato e, até certo ponto, comecei a achar o episódio uma coisa muito natural. Quase como um detalhe da paisagem que deve integrar determinada cena. Por assim dizer, parte de uma tradição do lugar.

Nunca vira ninguém comprar os seus docinhos. Mas, a cada ano, lá estava a velha Natascha com os seus vestidos cheios de remendo, tiritando de frio, com o mesmo sorriso no rosto, cantarolando na sua língua estranha e anunciando os prodígios de seus manufaturados caseiros, ordenadamente dispostos no tabuleiro improvisado sobre aquilo que fora uma caixa de frutas.

Foi desse modo que ao entrar na praça naquela noite, deparei-me consigo na mesma situação em que sempre a tinha visto nos últimos doze anos. Ali estava aquela senhora antiga, tão cheia de mistérios, com o sorriso, a cantiga, os trapos e o tabuleiro inconfundíveis, balbuciando o anúncio dos doces como se fosse uma prece.

Num momento, fui tomado de estranha compulsão. Enfiei a mão no bolso, colhi as poucas moedas que me tinham sobrado de troco do café recém-tomado. Estendi maquinalmente o braço em sua direção, depositando os trocados sobre o tabuleiro e recolhendo o pacotinho artesanal cheio de bolinhas açucaradas. De um modo quase mecânico, continuei andando pelo caminho de costume, sem olhar para trás.

Durante muito tempo ainda continuei ouvindo seu cantarolar. Por um momento, tive a impressão de ouvir algum tipo de agradecimento numa língua qualquer que eu não conseguia entender. Mas tive a certeza de ouvir claramente, embora a pronúncia difícil, a recomendação de apenas comer os docinhos na véspera de Natal. Segundo as palavras malpronunciadas, eles realizam até mesmo desejos que nunca ousamos confessar.

Quase duas horas depois entrei em casa. O telefone tocava. Atendi. Era o Luís Guilherme de Carvalho Antunes ligando do Brasil. Queria mais informações sobre um conjunto



de escritórios na avenida Paulista, onde durante muito tempo manteve pequeno negócio de importação. O Luís Guilherme já adquirira outra de minhas propriedades: uma chácara em Piracaia. Ele, como outros dois velhos amigos, o Tuca Vasconcellos e o Fernando Chaves, estavam muito interessados nesse outro imóvel.

Os dois últimos, aliás, sempre acabavam se desentendendo com minha irmã mais nova e procuradora, por conta de preço e prazos de pagamento. Todos, no entanto, conhecidos dos tempos de universidade, há muito mantinham relações comerciais e de amizade comigo. Mas não passavam de três crianças grandes. Embora “criança” não fosse o termo mais apropriado nesta fase de nossas vidas.

Lembro-me da vez em que o Luís Guilherme estivera na Alemanha. Hospedado em minha casa na temporada de Natal da virada do século, quando a Europa toda começava a apresentar os primeiros resultados da unificação, passava os dias num ir e vir frenético, embasbacado com as novidades e o progresso daquela boa época. Perdia horas e horas nas diversões eletrônicas, comia doces, perambulava pelos parques e se entusiasmava com tudo que para ele era novo. Nem parecia na época o cinquentão que já estava se tornando.

Quando tirei o telefone do gancho, a primeira coisa que ele falou dizia respeito à viagem que fizera pela Alemanha em minha companhia. Indagava do “reumatismo”. Mas não da maneira como pessoas de mais idade costumam se referir a esses assuntos, de um modo choroso e angustiante.

Tudo para ele tinha o tom da brincadeira. Questionou sobre o imóvel. Se era de fato intenção minha vendê-lo, pois minha irmã estava sendo irredutível quanto à forma de pagamento. Comentou sobre os doces, as paisagens, o frio e a umidade de Lichtenberg. Por fim, após os intermináveis minutos que sempre gastava nas suas ligações internacionais, perguntou de minhas caminhadas.

Disse-me que apreciaria muito passar mais este Natal em minha companhia. Como da outra vez. Mas o casamento da filha, em novembro último, tinha deixado o meu amigo brincalhão em momentâneo aperto financeiro, impedindo-o de viajar. Lembrou ainda de nosso passeio noturno na véspera de Natal e, naturalmente, também da velha Natascha, por quem tinha ficado sobremaneira impressionado.

No momento em que rememorou a caminhada da véspera de Natal naquele ano, coincidentemente lembrando a estranha senhora, mentalmente comecei a perceber que havia algo de errado. Sem me dar muito pelas razões dessa suspeita, comecei a sentir instintiva preocupação.

De um modo bastante automático, enquanto segurava com a mão esquerda o telefone, voltei a cabeça para o lado direito, olhando em direção ao canto oposto da sala. Próximo à porta de entrada, sobre pequeno móvel provido de cabideiro para chapéus e agasalhos, velho aparador de embuia já lascada, junto às chaves, porta-notas e algumas coisas que sempre trago da rua, também restava o pequeno embrulho recém-adquirido no tabuleiro da velha húngara.

Sim, era isso. Havia algo errado com a senhora Natascha. Se durante tantos anos sua aparição sempre ocorrera exatamente na noite da véspera de Natal, por que terá sido que desta vez ela saíra para a rua duas noites antes?

Entre as frivolidades de sempre e as despedidas típicas do Luís Guilherme, ao desligar o telefone alguma coisa começava a se formar em minha mente. A inquietação crescia na proporção em que uma interrogação continuava a me perturbar. Nesses lugares onde nada acontece por acaso, e onde nada deve estar fora de lugar, não se permite aceitar a quebra de costumes e tradições, ainda que estas nada tenham a ver com a gente.

Tanto me sentia angustiado, que saí imediatamente para a rua, deixando a porta da casa aberta e caminhando célere em direção à Fischerplatz. Sem percorrer o mesmo caminho, an-

dando quase que sempre em linha reta, em poucos minutos encontrava-me outra vez na praça, agora deserta. Nada encontrei.

A cidade absolutamente vazia, a praça totalmente quieta, sem nenhuma alma e nem um sinal de Natascha. Quase meia-noite. Com certeza já tinha ido embora, fugindo ao frio, então mais forte. Talvez já tivesse se recolhido, preservando a idade e a saúde, nos idosos sempre tão mais vulnerável.

Voltei, de igual modo, pelo caminho mais curto. Até que cheguei rápido demais. O vento noturno do inverno gelara os poucos cômodos da modesta residência. Bastaram menos de dois quartos de hora para que a casinhola ficasse como uma geladeira. Embora a primeira preocupação fosse aquecer-me, não podia parar de pensar naquela inesperada quebra de rotina, de mais de uma década de fatos iguais. Uma alteração de calendário que, de algum modo, também me dizia respeito.

Afinal, pela primeira vez eu adquirira os docinhos daquela velhinha. Lá continuavam eles. Sobre o aparador estavam e ali ficariam.

Tive muitos pesadelos à noite. Uma série de sonhos dos quais não conseguiria lembrar na manhã seguinte. Apenas, que acordara por duas vezes durante o sono. De uns tempos para cá não consigo mais dormir como no passado.

Tenho dormido pouco. Cada vez menos. Insônia típica da idade, mas que em nada me atrapalha. Depois de algum tempo, aprendi a conviver com ela. Por outro lado, sonhar, ter pesadelos, tem sido quase uma raridade. Por essa razão, quando acordei pela manhã, não me sentia bem. A mesma angústia com a qual fora me deitar me acompanharia ainda por algumas horas.

Quando decidi me radicar em Lichtenberg, alguns anos após a queda do muro e do início da unificação continental, a cidade ainda não estava totalmente ligada a Berlim, integrando-se à grande metrópole como agora, parecendo uma coisa só. Apesar de continuar mantendo vida própria, a interligação aca-

bou por confundir incautos turistas nesse arremedo de bairro populoso do extremo leste da cidade.

Talvez tenha sido esta a razão pela qual eu sempre tenha me sentido um pouco isolado da vida boêmia e cosmopolita da grande capital. Talvez tenha sido por isso também que eu sempre tenha me sentido inclinado a dar um valor demasiado aos sinais urbanos característicos da localidade. A velha Natascha, por exemplo, era um desses sinais.

Assim, ao acordar na manhã seguinte, impressionado com o acúmulo de pêsadelos, tão cheios de argumentos desconexos e sem uma aparente explicação para a emergente simbologia que deles costuma decorrer, continuava a pensar compulsivamente no episódio que desde a noite anterior transtornara um modo de ser antigo, pessoal e que me fazia viver num sossego aparente, garantindo a paz entre mim e os motivos urbanos que me cercavam.

Desde quando, tendo adquirido os docinhos húngaros, deime conta de que algo estava fora de seu eixo natural, passei a ser mortificado por uma série enorme de antigas lembranças, as quais imaginava sepultadas para sempre.

Veio-me à memória, entre outras coisas, um passado longínquo. Com ele, retornaram as cenas de uma juventude e um tempo há muito perdidos, de uma família várias vezes refeita, os anos de faculdade, os velhos amigos. A maioria destes, então, já se perdera. Um universo enorme de coisas boas e ruins acontecidas existência a fora. Coisas que tinham sido parte de mim e que, ao abandonar o país, foram definitivamente depositadas no mais fundo baú, onde se guarda tudo aquilo que não se quer mais lembrar.

Não sei por qual razão, tão logo preparei meu chá matinal com leite, ainda bem antes das nove, senti uma vontade incrível de bebericar o velho licor de amêndoas que trouxera da Holanda, no verão anterior.

Ao buscar a garrafa, porém, percebi que o precioso líqui-

do tinha acabado. Transformara-se em algo sugestivamente sólido. No fundo opaco da garrafa de gargalo fino, restava apenas uma imensa crosta de puro açúcar endurecido. O resto da última dose não tomada perdera-se para sempre.

Com a garrafa na mão, olhando a xícara de chá esfriando, por alguns instantes fiquei imaginando as inúmeras vezes em que deixei de aproveitar alguma coisa por querer conservá-la para as ocasiões especiais.

Tomei meu desejo. Agasalhei-me e saí. Tinha que resolver problemas relacionados ao imóvel em que residia, pagar contas de lavanderia e encomendar um novo terno. Aparentemente pouca coisa, mas que acabou me consumindo o dia inteiro.

Entre a lavanderia e o alfaiate, lembrei-me de um pequeno acerto bancário sobre remessa de valores vindos do Brasil, até então não depositados em minha conta corrente. Pequena e sugestiva situação, quase comum nos últimos tempos, em que volta e meia me consome duas ou três manhãs.

Retornei já bem tarde, trazendo como sempre faço o lanche de pernil defumado. Só muito depois, quando já estava me preparando para comer o grande sanduíche de pão preto com as generosas fatias do embutido de minha preferência, foi que me dei conta das preocupações da véspera.

Há muito leio os jornais à noite, depois de me livrar de tudo o que tenho para fazer. Normalmente os leio antes de jantar. Só bem depois de me ter entretido com as notícias do dia é que janto e saio para a caminhada noturna.

Ao voltar para casa no entardecer, no entanto, deixei de lado a pequena pilha de jornais, a correspondência que chegara antes de mim e, quase sem o perceber, devorei o sanduíche. Estava imerso em um quase torpor que me dava a sensação de um transe, de um alheamento. Sentia-me como se estivesse num estado de semiconsciência, perdido em algum tipo de meditação, sobre a qual eu também não tinha o menor domínio.

Natascha, a velha húngara, finalmente conseguira. Quantos anos de mera contemplação. Bastou porém que eu me deixasse envolver por ela, adquirindo seus tão propalados “docinhos”, para perder completamente a noção de domínio sobre meus atos e pensamentos. Tão logo percebi que acabara de ingerir completamente o meu lanche predileto, e que nada mais restava a fazer senão seguir a rotina, agasalhei-me e saí para a rua. Ainda não anoitecera completamente.

Tinha a intenção de tomar um café no Dobert, nas imediações da Fischerplatz. Ignoro a razão, mas ao chegar à confeitaria meu primeiro impulso foi tomar um trago de licor de amêndoas. Até olhei para os doces, indeciso quanto àquele que faria acompanhar o líquido dourado. Mas desisti. Contentei-me com uma pequena xícara de café colombiano e uma tacinha do licor amarelo vibrante.

Sentado à pequena mesa redonda de mármore branco, fui sorvendo um e outro, não me importando com mais nada, tão pouco com aquela sensação de quase ausência de mim. Pensando em nada, não percebi o tempo passar.

Fui como que despertado, momentos mais tarde, pela voz de uma mocinha que, junto ao caixa, indagava do montante de sua despesa. Chamou-me a atenção quando ela pedia para acrescentar à conta um pacotinho de “doces húngaros”...

Olhando em sua direção, vislumbrei entre seus dedos o pequeno invólucro, bem diferente do que eu adquirira na noite anterior no tabuleiro da velha Natascha. Não dava para ver o conteúdo, mas se via que os pequenos torrões açucarados eram diferentes. Dirigi-me ao caixa e declarei minha consumação. Enquanto retirava o dinheiro do porta-notas, apontei para os pacotinhos de doce, indagando ao funcionário do que eram feitos. Laconicamente, ele me respondeu que de açúcar preto.

Saindo à rua, percorri instintivamente o restante do caminho até a Fischerplatz. Como um autômato, circudei toda a sua extensão perimetral por duas vezes e por três cruzei o seu

interior. Com exceção de alguns rapazes com volumosas mochilas às costas, falando provavelmente dinamarquês, não vi mais ninguém. Nem sinal da velha húngara.

Voltei para casa.

Sem excluir outra possibilidade, decretei em minha mente que houvera algo de muito importante para que aquela senhora rompesse um costume de muitos anos. De igual modo, aos poucos naquela noite, fui sendo abandonado pela preocupação que tanto me atormentara até então.

Depois de ler alguns jornais, deixei-me entreter pelos programas de sempre na televisão. Já bem tarde e ainda sem sono, senti novamente vontade de bebericar um licor. Mas me esquecera de que tinha acabado. As preocupações bancárias, que consumiram minha atenção durante o dia, fizeram com que não me lembrasse de comprar nova garrafa. O que eu o faria no dia seguinte. Sem falta.

Permaneci algum tempo a indagar-me sobre essa velha predileção. A muitos de meus antigos companheiros isto não passava de excentricidade. Alguma coisa que eu desenvolvera para, na opinião da maioria deles, chamar a atenção. Mas o tempo se fora e eu insistia em conservar o mesmo hábito. Afinal, dava-me prazer incomum sorver, aos poucos, aquele líquido denso, cristalino, adocicado.

Muitos anos antes, bem mais de trinta, ainda na faculdade, enquanto a maior parte dos contemporâneos tomava cerveja, vinho, uísque ou aquelas misturas de água-ardente com açúcar e limão amassado, eu já me habituara aos licores. Muitas vezes ficava a me interrogar sobre a acentuada preferência pelo licor de amêndoas. Não conseguia lembrar com precisão sobre as razões dessa preferência.

Pensando nisso, acabei retornando muitos anos no tempo. O último ano de faculdade, onde permanecera mais da minha vida do que realmente precisava, descortinou-se com extraordinária nitidez. Com ele, voltaram-me à memória os colegas de

classe e os demais, a escola inteira, naqueles anos doidos movidos por cega cólera de intolerância. Um período da história que eu próprio fazia questão de não mais lembrar.

Os anos da ira, do ardor profundo com que a maioria se via bater por ideal quase abstrato, na vã tentativa de corrigir as mazelas do país e as chagas do mundo. Anos em que espremido entre dois lados, deixava-me arremeter por dúvidas, que anos depois acabaram se transformando em desencanto, em tantas frustrações. Lembro-me de que ao completar os dez anos da minha formatura, tive a nítida impressão de que o certo de hoje é o errado de amanhã. Não raros foram os colegas que, depois de se martirizarem por uma causa considerada perdida, tornaram-se empresários de sucesso, praticando tudo aquilo que condenavam.

Terá sido naquele cenário que comecei a tomar gosto por esse gênero de bebida, o licor. Cenário controvertido, em que havia lugar para as angústias da idade e os devaneios da juventude. Muitos terão sido os companheiros mais próximos. Contudo, ninguém foi tão próximo quanto Agnês. Uma amizade desenvolvida no convívio diário das aulas, aos poucos transformada na estreita relação de sôfrega busca e mútuo encontrar.

Enquanto os dias passavam, principalmente no último ano da faculdade, entre greves e manifestações estudantis, para ambos distantes, consumíamos-nos pelo arrebatamento de desenfreado envolvimento. No caminho, que separava a casa dela e a minha da faculdade na Cidade Universitária, em São Paulo, existia muito mais que paisagem e atrativos urbanos de lanchonetes da moda, *shopping centers*, boates, bares aconchegantes, cinemas, teatros e butiques. Éramos dois em um, voltados unicamente para um mesmo mundo compartilhado.

Mundo que começava e se resumia no extenso apartamento que o pai adquirira para ela como prêmio por ter passado no vestibular três anos antes. Mundo em que os devaneios, as buscas um do outro, insistiam em manter os dois a confortá-



vel distância dos problemas políticos da época.

Passávamos tardes inteiras envolvidos um com outro, a comer *petits-fours* e a bebericar licores. Até que um dia chega a notícia de que um parente dela, detido por questões políticas, amanhecera morto numa repartição policial. Lembro-me de que havia uma versão oficial de suicídio. Episódio que alteraria o rumo de nossa relação.

Inúmeros colegas de faculdade, como vários professores da universidade e tantos conhecidos, já tinham sido presos. Muitas eram as histórias a respeito. Inclusive, as de morte e tortura. Ainda assim, nenhuma notícia anterior abalara tanto. Afinal, o pequeno mundo dos dois continuava preservado. No entanto, o caso pessoal, envolvendo o primo distante, talvez por aproximar demais a realidade cruel até então convenientemente afastada por ambos, como costumam afastar-se do perigo os avestruzes, acabaria por mudar de maneira repentina o rumo de um convívio tão especial.

Abruptamente, a um mês da formatura, ocorreu a separação. Aos poucos, foram acabando os encontros e, rareados os momentos juntos, a vida impôs que nos tornássemos um estranho ao outro.

Quase nada soube dela depois. A única coisa que restou durante muito tempo terá sido um sentimento de desassossego, de perda completa da esperança e a mágoa de sentir a traição pela decorrência da história.

No princípio, passados um ou dois anos, ainda tinha a nítida sensação de que voltaria a rever Agnês. Depois, cinco a dez anos à frente, isso começou a parecer remoto demais. No entanto, insistia em alimentar inconscientemente a vontade de revê-la. Até que um dia, deparando-me com a insistência irracional dessa lembrança, deliberei varrê-la de vez da memória.

O que, aliás, era o que eu deveria ter feito de novo. Um assunto transformado em tabu, que não podia outra vez tornar a assediar minhas lembranças. Cheguei a achar engraçado isto

voltar a me perturbar tantos anos depois.

Escureci a casa e fui deitar.

O dia seguinte, véspera de Natal, impunha muitas providências. Acordei um pouco mais tarde do que o costume, preparei meu chá com leite e procurei sair logo de casa. Entre outras coisas, precisava acertar o roteiro de uma viagem à Noruega e à Islândia, que eu faria antes do Ano Novo. Tinha que chegar cedo à agência de viagens. Até porque depois das duas da tarde quase nada funcionaria.

Passei pela igreja de Santo Agostinho e, uma vez mais, interroguei-me sobre as razões que nunca me deixaram ir até lá durante o dia. Igual a esta vez, só que novamente sem a menor condição de entrar.

Estive fora de casa até por volta das quatro da tarde. Retornando, passei na Peters, onde após tomar um café comprei alguns doces, dois grandes pães e um gigantesco farnel de cabrito. Algo assim como uma grande empada e um grande sanduíche. Cheguei a me indagar por que eu estava comprando tanta coisa. Principalmente os pães.

Paguei e estava para sair quando, ao olhar por sobre as gôndolas da parte de trás do balcão, divisei inúmeras garrafas de licor. Escolhi a maior delas: de amêndoas açucaradas.

Com os pacotes da confeitaria, dois livros e algumas revistas, cheguei em casa. Na pequena caixinha onde o carteiro costumava deixar a correspondência havia alguns cartões e um grande envelope de papel pardo. Todos com selo do Brasil. Entrei.

Passei o restante da tarde ocupado em preparar as malas. De igual modo, tomei providências relativas ao período que passaria fora. Dei alguns telefonemas, para o alfaiate, a lavanderia, o dentista e para o rapaz que digitava meus manuscritos.

Enfim, a noite chegou.

Já me preparava para o lanche especial natalino, quando me dei conta de que os dois últimos dias tinham sido terrível-

mente enigmáticos. Voltaram a minha mente as últimas noites, povoadas de ansiedade, angústia e pesadelos. Embora não me lembrasse de nenhum deles durante o sono da noite anterior, tinha a nítida certeza de que também os tivera.

Tinha agora a certeza de que tudo acontecera por causa do inesperado contato com a velha Natascha. Sim. Esta era a noite do ano em que ela sempre aparecia com os seus docinhos açucarados, cheios de mistérios e augúrios.

Não podia continuar com aquilo. Vesti o capote e saí para a noite gelada. Andei rápido até a Fischerplatz. A noite, por ser a da véspera de Natal, embora fria, estava povoada de gente. Talvez gente em busca do endereço da festa com a família, com os amigos, com colegas ou conhecidos. Com exceção desses passantes, que a cruzavam em todas as direções, a praça estava completamente vazia. Nem sinal da velhinha húngara.

Eu não queria, mas minha cabeça não parava de me torturar. Lentamente, comecei a andar de volta para casa. Durante todo o trajeto, como num videoteipe, em cada detalhe que compôs o meu curtíssimo contato com a estranha doceira, aflorava a expressão de mistério e enigma com que ela me fitara por brevíssimo instante havia duas noites.

O palavrório ininteligível, a cantilena dolente, as expressões de boa-sorte, fartura, felicidade e coisas assim, daquela senhora anunciando seus doces, lentamente tomavam forma em minha mente, de maneira cada vez mais nítida. Uma imagem de mais de dez anos que estava se conjugando num curto, porém significativo contato com aquela pessoa.

Já entrando outra vez em casa, comecei a ter nítidas em mim as últimas palavras que dela ouvi. Qualquer coisa como a realização de todos os desejos, por mais inconfessados que fossem, por mais longínquos ou mais antigos que estivessem. Expressões imortalizadas na literatura água-com-açúcar, como chamávamos há muito tempo, e que para mim nada mais significavam além da retórica de uma literatura juvenil praticamente esquecida.

Montei a pequena ceia individual de celebração solitária do meu Natal. O farnel, os pães, os doces e a garrafa de licor. Lembrei-me da correspondência chegada do Brasil. Deixara os cartões e o grande envelope pardo sobre o aparador de embuia lascada.

Fui buscá-los.

Ao lado das chaves, do porta-notas e de algumas anotações colhidas ao acaso nas minhas saídas diárias, estava a correspondência. Estava também o pequeno invólucro com os docinhos adquiridos da velha Natascha, até então intactos. Levei-os para a sala com a correspondência.

Abri os cartões. Amigos de longa data desejavam boas-festas. Estava para abrir o grande envelope pardo quando, ao olhar entre os pães e doces, vislumbrei outra vez o pacotinho com os doces húngaros. Abri-o. Provei um deles. Puro açúcar. Começava a me arrepender por tê-los comprado. Desenvolvi a garrafa do licor de amêndoas, servindo-me do primeiro trago. Senti vontade de morder outro dos docinhos superdoces. Rasguei o grande envelope.

Uma carta de minha irmã e procuradora acompanhava alguns documentos antigos e sem qualquer importância. Eram fotografias de difícil identificação e mais uma razoável quantidade de pequenos objetos. Antigas fotos de almoços de negócios, alguns contratos vencidos e *souvenirs* colecionados ao longo dos anos em que trabalhei no comércio.

Minha irmã explicava na carta que resolvera esvaziar e limpar o escritório da avenida Paulista para tornar mais fácil sua venda. Dentro havia também um pequeno envelope, selado e ainda lacrado, que fora endereçado para o escritório há quase um ano.

O envelope de carta, endereçado com caligrafia cuidadosamente desenhada, apesar da data de postagem já bastante antiga, não fora violado. Minha irmã escrevia no lacônico bilhete que estava encaminhando tudo aquilo, porque imagina-

va ser coisa pessoal. Explicava que havia uma carta que, por estar sem remetente, imaginava não ser urgente. Razão pela qual não o violara. Enviava-me agora para eu ver se, de fato, era ou não importante. Coisas de minha irmã. Imaginei que se tivesse sido importante já não o seria mais.

Abri o pequeno envelope.

**Tullio:**

*Talvez você ache estranho eu estar escrevendo. Passou muito tempo desde que a gente se viu a última vez. Sempre esperei que a vida nos aproximasse de novo. Por acaso, descobri seu endereço numa lista telefônica. Endereço comercial, talvez. Tentei telefonar várias vezes, mas uma gravação diz que você está viajando. Quando você voltar vai receber esta carta. Tenho muita vontade de rever você. Vivi muito tempo na Bélgica. Minha filha casou no ano passado e quase sempre vou a São Paulo para ver meu netinho. Desde que retornei ao Brasil, moro em Minas. Meu endereço é rua Lima Barreto, 57, apto. 2, bairro da Nova Floresta, Itajubá.  
Até qualquer dia,*

**Agnês**

Subitamente perdi a fome. Os docinhos húngaros da velha Natascha tinham acabado. Ingerira quase meia garrafa de licor. Também começava a perceber que não viajaria mais à Noruega e à Islândia depois do Ano Novo.

Tullio:

Talvez você ache estranho eu estar escrevendo. Passou muito tempo desde que a gente se viu a última vez. Sempre esperei que a vida nos aproximasse de novo. Por acaso, descobri seu endereço numa lista telefônica. Endereço comercial, talvez. Tentei telefonar várias vezes, mas uma gravação diz que você está viajando. Quando você voltar vai receber esta carta. Tenho muita vontade de rever você. Vivi muito tempo na Bélgica. Minha filha casou no ano passado e quase sempre vou a São Paulo para ver meu netinho. Desde que retornei ao Brasil, moro em Minas. Meu endereço é rua Lima Barreto, 57, apto. 2, bairro da Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Angela

## *Tão Longe de Casa*

Acordou muito cedo.

Como de costume, ainda não era dia. Já se tornara um hábito aquela insônia postergada que o tirava da cama todas as manhãs antes da hora.

Mas não justificava a idade. Longe de provector, também já não revelava sinais de uma juventude lépida e esfusiante, sem qualquer compromisso com o tempo, como até poucos anos sentia.

Contudo, não se recordava muito bem desse período nem tão remoto, nem tão recente. Porque essas coisas nunca são importantes quando se tem 35, 36 anos. Principalmente quando, entre outras preocupações do cotidiano, além de não apenas se fazer aquilo que se denomina “ganhar a vida”, mantendo-se as aparências, tem-se outras preocupações.

Isto porque, após os 30, qualquer pessoa corre o risco de não perceber absolutamente nada com o tempo. Pelo menos qualquer um que tenha tido a experiência de viver (ou, melhor, de passar pela vida) sem emoções mais fortes, como aquelas reservadas a quem não se entusiasma com nada que não seja absolutamente normal.

Foi assim que, da infância pobre, sem ser carente, à adolescência carente, sem ser miserável, até a juventude miserável, sem ser indigente, chegou a maturidade sem ter tido ocasião, espaço ou discernimento para amadurecer por completo e aproveitar da vida o melhor que ela tem para oferecer. Ou, sequer

para entender o que daí em diante passaria a ocorrer consigo próprio.

Por essa razão, acordou. E o fez sem infringir o regulamento da vida diária. Cedo demais. Já nem influía mais o velho relógio de corda. Um despertador que, funcionasse como devia, haveria de produzir muito menos barulho do que o tique-taque infernal de toda a noite. Artefato inútil nunca usado para acordar, muito menos para nele se ver as horas.

Sempre dez minutos adiantados. Aliás, assim ele considerava a própria vida, no contexto do universo em que se metera desde o nascimento. Acordar, sempre ao alvorecer, era igual a deixar uma pista para a posteridade, através do hábito adquirido pela necessidade de ganhar a vida da maneira mais difícil.

Acordar de madrugada, recolhendo-se bem tarde e vivendo sempre com sono, eram características suas. Características que o acostumaram ao incômodo cansaço, mantido por aquela exclusiva necessidade de sempre acordar muito cedo. Uma necessidade que se transformara em mero retomar diário das atividades que se impuseram, pouco a pouco, na decorrência de viver de acordo com uma espécie de evolução adquirida ao acaso, no trabalho árduo em atividades um tanto incompatíveis com os seus gostos ou com a "exitosa" posição que acabou merecendo em determinada altura da vida.

Com aquela mania de acordar cedo, com a sensação de estar sempre com sono e a consciência doendo, acordou. E o fez como que por dever alguma subtração ao destino: ter ganho da vida mais do que, quem sabe, dela ter merecido.

O sobressalto natural, ao abrir os olhos toda a manhã, arrancando-se da cama quente e metendo-se sob o chuveiro gelado, até certo ponto caracterizava um autoflagelo físico. Intimidava-se a si próprio numa constante ameaça de si para consigo mesmo daquilo que seria capaz de acometer, arrebatando-se de onde quer que fosse, não importando para que tempo ou espaço.

Às vezes, ao se barbear, reconhecia em si algum traço



familiar. Este era outro sinal característico. Mau fisionomista, nunca teve boa memória para nomes ou situações, até mesmo aquelas que poderiam ter sido as mais marcantes de sua vida. Jamais conseguia rememorar nem as situações em que os mortais comuns se sentem enlevados, exaltando-se voluntariamente da matéria ao paraíso abstrato dessa fantasia, que é se sentir feliz.

Barbeando-se, entre segundas e sextas-feiras após o banho gelado, reconhecia sempre aquele rosto como seu. Mas, dera-se conta de que havia a impressão de enxergar no próprio reflexo, não o homem amadurecido de olhar vago no semblante de mágoa permanente. Não. A miragem traía o rapazinho de pouco menos de 20 anos, ainda com mil projetos em mente.

Foi o acaso nessa manhã que, sem outra intervenção que não fosse a do maldito tique-taque daquele inútil despertador, adveio-lhe o natural sobressalto de fazê-lo ter consciência, repentinamente, de que uma vez mais acordado.

Soerguendo-se bruscamente na cama e mentalizando o chuveiro de água gelada quebrando-lhe o sono tomado, castigando-o de um castigo inútil, porém necessário para sentir-se vivo, teve a sensação de algo mais além. Percebeu quebrar a rotina, desfazendo-se a magia do costume.

O sobressalto, subitamente interrompido, produziu-lhe a ardente sensação da preguiça. Pela primeira vez em anos sentiu a gostosa sensação de dispor da vida como bem quisesse. Ficou na cama, esparramado em diagonal, ocupando dois espaços. Um que sempre fora seu. Outro, de remotas lembranças.

Permanecer na cama revelou-se algo bom, material e fisicamente bom. Chegou até a pensar que isso talvez fosse tudo o que a vida poderia oferecer de melhor. Não queria pensar em mais nada.

Poderia dormir de novo, quem sabe. Fazer dessa terça ou quem sabe quarta, domingo outra vez. Não acordar jamais. Ficaria certamente assim pelos tempos. Repouso eterno que não

se consumiria mais em ameaças ao corpo, diariamente machucado pelo choque da água fria.

Não queria pensar. Ainda assim, um choro de criança, vindo de algum canto longínquo do mundo, fê-lo pensar no que menos queria naquele momento. Entre um extremo e outro da vida, nascera e morrera várias vezes. A cada degrau galgado, como ao portal da igreja pelo qual se adentra para orar, nunca se pensando no derradeiro, mas no próximo momento, ele também já não se importava muito com os anos passados, mas nos quantos ainda teria para viver.

No entanto, aquele choro de criança veio arrebatá-lo desse recente gosto experimentado da preguiça, levando-o para um tempo de muito antes, a infância, a pequena e pobre família, a casa humilde em que se criara e o irmão mais novo famélico, sempre a chorar por comida.

A infância pobre sempre fora um dos motivos para não deixar o pensamento se ocupar com coisas do passado. A aparente mediocridade da vida, estímulo às vezes para prosperar, acabava sempre empurrando-o mais para trás. Mas aquele choro, sabe-se lá em que andar do edifício, levou-o de volta a quem sabe quantos anos, quando as refeições eram exatamente três para dividir por quatro.

Tia Donina e tio Manuel, prósperos e gordos, sem nenhum filho, nas visitas esporádicas em domingos ensolarados após o almoço, com aquele olhar de piedade. O automóvel americano azul-marinho, novinho em folha, cheio de metais polidos, imenso, com estofamento macio e um rádio cheio de música.

O cinema ao ar livre do lugarejo em que vivia, o lazer sem sofisticação, a missa, as quermesses só de ver, porque nada podia gastar. Piqueniques de sardinha frita, restos de roupa que vinham não sabia de onde, cadernos grosseiros e lápis usados, num suplício de lembranças das quais não gostava, nem queria lembrar.

O irmão mais novo chorando de fome. Agora, essa criança chorando de madrugada. Talvez por causa de leite que não tem, como no passado, em sua infância.

O cheiro de café. Não sabia por qual razão sempre associava esse cheiro ao de amendoim torrado. O amendoim que a vó Pequena fazia para ele vender na estação, quando o trem passava. O cheiro morno de café, a lembrança do amendoim, a repugnância da necessidade.

Ficar na cama, contemplando o nada, na escuridão do quarto. O martírio das origens. Esforços que dispendera para nunca mais sofrer o gosto da fome e da vida miserável. A avidez da poupança compulsiva, o prazer diminuído, as alegrias raras com coisas quase sem graça e a vida passando sem outro prêmio.

Tão bom ficar na cama, transformada em paraíso momentâneo de um domingo inventado. Quem sabe viajar para algum canto do mundo, gastando não importa quanto dinheiro. Um impulso logo reprimido pelo patrulhamento do passado difícil.

Não fora fácil tomar a decisão de partir de casa após a morte de vó Pequena. O pai, lavrador e analfabeto, virava-se como podia para sustentar uma sogra inválida, uma mulher louca e quatro filhos desnutridos, que sempre dividiam três porções. A pobre velha, mesmo parálitica, era mais útil do que a mãe. Torrava amendoins, assava bolinhos, fritava sonhos com pouco açúcar, que ele e os três irmãos vendiam.

Ir embora de casa, quando se é parte de um meio de sustento dos demais, era decisão difícil. Mas partira. Nos primeiros meses, morando num cubículo na Capital, passou mais fome do que em casa. Assim mesmo conseguira sobreviver. Sorte? Já se indagara outras vezes a esse respeito. Havia sempre o imponderável, algo que subtraía obstáculos e tornava a vida menos difícil.

Anos de estudo, de vida dura, de muito trabalho, de ne-

nhum divertimento, de pouca comida, de sono constante, de abundante dificuldade para superar a barreira das privações. Tinha passado muito tempo desde então. Aos poucos fora se distanciando do pai, da mãe e dos irmãos, únicos familiares que tinha além de tia Donina e tio Manuel.

Lembrava-se da piedade compungida de ambos, num misto de pena de si e dos irmãos, talvez horror da pobreza alheia. Talvez o motivo que aos poucos os tenha feito rarearem as visitas em domingos de sol, os remédios para a avó, os doces e algum dinheiro.

Quando partira de casa já não via, há pelo menos três anos, os tios. O tempo passando e os parentes morrendo. Primeiro a mãe, atropelada por um caminhão. Depois o pai, de tuberculose.

Uma sucessão de coincidências faziam-no sempre encarar a vida como um repositório de surpresas. No dia em que fora aprovado no concurso para o Banco do Brasil, justo quando começava a pensar em rever os irmãos, tivera a notícia da morte do mais novo, numa briga de bar. Depois, justo na véspera da formatura em direito, soubera que o irmão mais novo fora preso por roubo à mão armada.

O misto de reprovação e desprezo que sentira na época, era constrangimento que ainda o mortificava. Mas sobrara outro irmão, o logo abaixo de si, agricultor e analfabeto como o pai, que ficara morando na mesma casinha miserável da família. Soubera que tinha prole numerosa em tão pouco tempo de casado, cuidando igualmente de uma sogra doente. Em tudo a vida deste imitava a do pai.

Às vezes pensava em carma, mas logo afastava de si idéia assim tão irracional. O certo é que nunca mais tivera qualquer contato com seus familiares. Ele próprio casara e descasara. A vida era séria demais para a comodidade de um lar.

Havia o trabalho, as economias, as formas de poupar dinheiro, que aprendera para evitar o desperdício e a eventualida-

de da privação. Havia os banhos frios de cada manhã e a rotina que se impusera para tornar a vida não agradável, no único modo que conhecia para livrar-se do passado.

Vida de economia, de dureza, de mortificação, mesmo sem o precisar. Alguma coisa do passado que sempre o acompanhara, fazendo-o nunca esquecer das origens, por mais força que intentasse fazer.

Os irmãos que lhe restaram, único elo material com o passado, serviam de instrumento nesse martirizar constante. Queria esquecer quem era, não conseguia. A ambição levada às últimas conseqüências, a soberba em negar-se qualquer contato com tudo quanto o remetesse de volta ao passado, eram as formas mais freqüente de defesa, em que se apoiava para apenas viver o presente.

Quisera ter tido outra vida. Vida na qual houvesse para ele domingo e nenhuma preocupação com dinheiro. Tempo de férias e lazer, para enfim aproveitar a vida. Mas não encontrava forças em si, que lhe permitissem tomar qualquer decisão nesse sentido.

Há dois anos, ao fazer concurso para juiz, imaginava-se conseguindo alterar rotinas e o estilo da vida dura que levava. Mas, outra vez, não conseguira. As origens, sempre elas, espreitavam-no como numa indicação de que jamais livrar-se-ia delas.

Até mesmo pelas coincidências, sempre presentes nos momentos decisivos da vida. Ao tomar posse numa comarca próxima à Capital, fora obrigado a adiar o início do exercício por causa do falecimento de tia Donina e tio Manuel, num acidente de avião, quando retornavam de umas férias à Argentina.

O irmão bandido, essa mácula na carreira que independia dele, a atormentá-lo cada vez mais. O medo do escândalo, da ligação pública pelo laço familiar ao criminoso. Até certo ponto, uma desculpa para nunca mais aparecer na cidade natal e

rever o outro irmão com a sua “ninhada” de filhos e a sogra doente.

A idéia de ficar na cama não era má, fazendo desse dia qualquer domingo interminável. Precisava começar a aproveitar a vida, ainda que tardiamente. Mas não podia. Era quarta-feira.

Os compromissos estavam bem vivos dentro de si. Tinha que passar no foro, despachar dois processos e tomar o avião das dez para a cidade natal. Era dia da formalização da partilha no inventário dos tios.

Ele era inventariante e único herdeiro.

## Pecados Conexos

Seu Tranquilino era crente. Jactava-se, a mais não poder, de ser o número um em boas ações. Ninguém nas redondezas seria capaz de igualá-lo em conduta tão pia, em comportamento tão temente a Deus, em vida tão reverente e regrada. Toda ela dedicada à palavra do Senhor, às metódicas leituras da bíblia, ao cumprimento dos preceitos religiosos e à orientação dos evangelhos. Uma existência consagrada, por assim dizer, à pregação da verdade divina. Pregava tanto e em tão inesperados lugares, que era sempre um aborrecimento para os outros. Um tremendo dum chato, segundo a vizinhança.

De um único matrimônio, tivera a única filha: Ester. A mulher, Maria Libória, há muito falecida, enquanto vivia era vista rua a fora com a pequena filha pela mão, a acompanhá-lo no rumo do pequeno templo de madeira, construído pelos poucos e pobres membros da igreja Metódica do Verbo Divino. Ali, sempre reunidos em quase trinta gatos pingados, a comunidade religiosa costumava entoar cânticos, preces de louvor e desesperados *glórias*, acumulando a poluição sonora, própria de um lugarejo cheio de cachorros, gatos, aves domésticas e guris em algazarra pela rua.

Depois que a mulher se fora, com seu vestido a meia canela, mangas compridas e gola alta fechada até o último botão, continuara a rumar ao pequeno templo em companhia da pequena Ester. A qual, diga-se de passagem, crescia nos preceitos da religiosidade, embora fugindo às formas convencionais pró-

prias de uma crente pudica e muito piedosa. Peituda, imensas coxas, bunda grande. Ao que se via, era incapaz de andar seguindo as normas da pudicícia de quem tinha por norte os evangelhos. Não conseguia, por mais que o quisesse, dar três passos sem enunciar pelo menos uma imensa rebolada. No mais, pelo menos no início, confrangia-se na mais nítida expressão cristã, andando logo atrás do genitor até as reuniões pias de louvor ao criador.

Enquanto os anos passavam, seu Tranquilino pregava, a filha crescia e as formas se acentuavam por baixo dos panos compridos e largos. A ponto de quase já não ser possível disfarçar cintura tão estreita e tão inconveniente traseiro. É claro, objeto de espontânea atração de munícipes que, como costuma ocorrer, enquanto uns vão à reza, outros se concentram à porta dos botecos em bebericagens e maledicentes comentários sobre a vida alheia.

Aliás, era sempre sobre estes que costumava dirigir-se à irada pregação do reverendo Tranquilino, na igreja Metódica do Verbo Divino. Para este, além dos dez mandamentos fundamentais, havia pelo menos mais três: “não beber, não fumar e não jogar”. Com freqüente insistência invocava o Apocalipse, combinando capítulos e versículos com passagens do velho testamento, para justificar o aniquilamento de Sodoma e Gomorra.

Havia os que riam. Outros, constrangidos, recolhiam-se ao interior do bar, à branquinha e aos dadinhos. Era o caso de Filismino Souto Falcão, filho do agiota local. Por isso mesmo, o desocupado do lugar. Filismino, que não apreciava muito a parte dianteira da carnuda Ester, detinha-se em voluptuosos devaneios assim que ela passava, tornando-se evidente a vastidão das formas posteriores. Devaneios que, vez ou outra, perseguiam-no pela tarde inteira, quando sozinho recolhia-se por tempo interminável ao sanitário do bar, em transitante meditação.

E o tempo passava, seu Tranquilino pregava, a filha crescia, Filismino bebia e o lugarejo continuava igual. A única coi-



sa que mudava era Ester. Vicejante, a tal ponto de não mais poder conseguir disfarçar formas tão protuberantes. E, como diz o ditado, “tanto se dá em cima, tanto se dá, que um dia a bananeira dá”, não demorou a filha do pastor começou a evidenciar sinais de que apreciava ser assim tão admirada. Foi Filismino, que cada vez mais desocupado, mais rico e mais boêmio, quem decidiu abordá-la primeiro.

Abordou, Ester deixou. Chegou-se ele cada vez mais perto e ela gostou. Aí, contra a vontade paterna, casou. Casou porque também segundo outro ditado popular, “feias ou bonitas, pobres ou ricas, cadeirudas ou estreitas, sempre acabando encontrando marido”. Bem verdade que o pastor Tranquilino sempre aguardou, ainda que em remota ponta de esperança, a conversão do genro. Mas isto nem a providência divina seria capaz de atender.

Depois de perder o pai e herdar a agiotagem local, Filismino quase sem tempo para o lazer, afastar-se-ia do bar e da mesa de dadinhos. Passaria o dia inteiro, isto sim, a perseguir devedores renitentes. À noite, depois de algumas branquinhas, entretinha-se em desfrutar do que ainda restava das curvas daquela que já fora a vistosa e cobiçada filha do pastor. Um bagulho miserável e intraduzível, isto sim, aquilo em que ela se transformara a filha do crente e que o sucessor de agiota agora tinha só para si.

Seis filhas depois, continuava tendo que agüentar, além da incômoda presença de mulher desengonçada e feia, a indesejável companhia do reverendo, agora aposentado da igreja, mas não das práticas que lhe introjetaram trinta e cinco anos de pregação. Por causa disso, Filismino era obrigado a escutar, pelo menos uma vez a cada quatro horas, o inoportuno e caduco sogro bradar:

— Fumar, beber, jogar, prevaricar são pecados imperdoáveis. Eu mesmo nunca joguei, nunca fumei. Beber, só bebi uma única vez, quando era jovem. Mas me arrependo até hoje.

Deus, que é pai, no dia do juízo há de me perdoar, aleluia!

Suplício interminável, martírio sem remédio que supliciava o aplicado agiota. Sem oportunidade para apreciar o prazer da fortuna cada vez maior, ou sem poder esquecer os infortúnios de um matrimônio com mulher tão feia, via-se obrigado a esconder-se das chacotas alheias na solidão do próprio escritório, improvisado nos fundos da casa. Mas nem aí tinha paz para bebericar a familiar cachaça. Quando menos esperava, lá vinha o sogro outra vez com toda aquela loa.

Certo dia, recebendo visita de um político local que o procurava não por votos, mas por expressivo numerário capaz de endireitar momentaneamente as dificuldades deixadas pela última campanha, tão logo acertados os detalhes da transação e preparando-se para festejá-la com o destilado de sempre, quando menos se espera, intromete-se o velho sogro, dedo em riste, a bradar:

— Nunca fumei, nem joguei. Beber, só uma vez...

E Filisimino, com o vozeirão dos ébrios importunados:

— É, sei! Da única vez que bebeu, deve também ter medido. Porque prá fazer bagulho igual à mulher com quem me casei, só mesmo estando bêbado!

## *O Ladrão de Budapeste*

Pedro Janus Jando é húngaro, atrapalhado, esperto e sedutor. Não se sabe ao certo se de fato nasceu na Hungria ou se apenas é mais um filho de imigrantes entre nós.

De qualquer modo, sabe exercitar como inguém o tipo estrangeiro que tão bem representa. Ainda que não tenha nascido daquele lado do mundo, o atrapalhado rapaz vale-se muito da origem para passar por diferente e assim tirar proveito de tudo o que faz.

Contador formado, bem cedo aprendeu a valer-se das dificuldades alheias. Como ninguém, manipula o socorro oportuno da gerência de valores que não são os seus. Nunca permanece muito tempo num único emprego. Esgotada a administração da dificuldade na venda da facilidade, parte imediatamente para outra empreitada, no afã de tomar alguma coisa de alguém.

E assim vai vivendo.

Em sua mão, uma comunidade paroquial quase ficou sem a igreja. Um clube, onde exerceu a tesouraria, até hoje corre atrás do prejuízo para manter os bailinhos semanais. Uma escola em que trabalhou, comenta-se, quase fechou por conta de sua contabilidade excepcionalmente esperta. E assim por diante.

O refinamento dos métodos, a postura clássica do estrangeiro competente, o *aplomb* do profissional preocupado com a eterna situação de penúria deste pobre país de crédulos ou o ar cativante e amigo sempre foram suas ferramentas de trabalho.

Quando um dos “fregueses” se dá por achado é tarde demais: já perdeu até as calças para ele.

Na avidéz profissional do assalto ao bolso alheio, domina técnicas que vão da originalidade dos métodos a um estilo pessoal sedutor e envolvente. Do sôfrego assédio sobre uma multidão de incautos, quase ninguém escapa, a começar pela própria família.

Depois de lograr o irmão mais velho numa partilha promovida ainda em vida pelo genitor, abiscoitou as últimas jóias da mãe inválida. Em seguida, cairia com voracidade sobre os bens do sogro, não tivesse o fazenderote do interior, desconfiado como ele só, conseguido safar-se a tempo do golpe.

Sobrou porém um vizinho de terras do contraparente. Deslumbrado com as habilidades do contador loquaz, não sabendo muito bem o que fazer com o extenso patrimônio, acabaria não tendo mais que se preocupar com o excesso de propriedades. No acerto de umas escrituras de que o encarregou, desapareceram, como que por encanto, quatro glebas das quais nunca mais ninguém ouviu falar.

Familiarizado com essa estória de só tirar proveito, é partidário da velha máxima, “se te derem um limão, faz uma limonada”. É claro, na limonada dele vai muito açúcar e mel. Mas água e ingredientes, tudo na mistura adocicada, provêm dos outros a preço nenhum.

Quando a mulher resolveu abandoná-lo por conta dos atritos envolvendo pais, tios, irmãos, irmãs e cunhadas, numa grossa intriga familiar por questões pecuniárias, ele aceitou de pronto. O aproveitador acabava de livrar-se do sustento de mais quatro bocas além da sua: mulher e três filhos.

Decorrido algum tempo, a infeliz deu-se conta da besteira praticada. Mas já era tarde. Nunca mais conseguiria embolsar qualquer pensão, ainda que por via judicial. O homem, quando se viu pressionado pela lei a recolher valores que ele considerava para “terceiros”, encontrou depressa o meio mais fácil de

livrar-se daquele fardo.

Pelos caminhos mais tortuosos que a mente humana pode conceber, não demorou em fazer aproximar da ex-mulher um conhecido seu. Encurtando a estória, o tal amigo, comerciante de alcoólicos e etílicos, em breve tempo casado, assumiria por inteiro a mulher e toda a família que não era a sua, deixando o bom Pedro Janus com os seus negócios.

Obcecado por quantificações e valores, é um entendido na arte de colocar preço em tudo. A ponto de perder horas a fio em contas incomuns. Enquanto a maioria dos viventes deleitava-se na contemplação de um bucólico pôr-de-sol, o habilidoso Pedro entretém-se na avaliação do metro quadrado da paisagem e imaginando um meio de apossar-se dela.

Mas tudo que obtém mediante métodos criativos durante o dia, joga fora à noite nas cartas, em bebidas e com mulheres. Viciado em gim-tônica, esvazia copos e mais copos desse combinado etílico, promovendo barulhentos jantares de negócio com os incautos que, mais cedo ou mais tarde, são colhidos em suas armadilhas. Insaciável nas noitadas de carteadado, nelas costuma perder tudo o que amealha mediante bem-urdidos estratagemas.

Não faz muito, foi a Budapeste. Na curtíssima passagem pela terra dos ancestrais conseguiu arrebatar o coração de uma moça local, as jóias da mãe e as polpudas economias do pai dela, a pretexto de promover sólidos investimentos no Brasil, “país de futuro, pleno de recursos e oportunidades financeiras, de aplicação fácil e retorno garantido...”

Na volta, de posse de mais esses valores alheios, abordou o Toríbio, presidente do “Copo de Leite”, modesto clube de bairro, com mirabolante proposta para ampliação das instalações sociais. Convencido o ingênuo interlocutor, então passou aos acertos legais. Quando este se deu por achado, o clube inteirinho era propriedade do espertalhão.

Sem local e sem dinheiro, a agremiação não teve mais onde se reunir. Em pouco tempo a pequena sede original mudou

de mãos numa mesa de bacará e o esperto contador também não teve mais um lugar para frequentar.

Tempos depois, absolutamente sozinho, achou-se sem família, sem amigos, sem nada. Viu-se inclusive abandonado pelas incontáveis mulheres com as quais detonara todo o dinheiro que os dedos lograram contar na existência predatória de até então.

Finalmente, não tendo mais com que jogar, nem amigos a quem subtrair qualquer valor, descobriu depressa que algo não se arrebatava dos outros sem consentimento, ainda que involuntariamente: a amizade. Amizade que, para esse Pedro, tem sido mero instrumento de trabalho, para dissimular a aproximação às pessoas que seduz para roubar.

## *O Reencontro de Narciso e Marcília*

“Houve um homem enviado por Deus, que se chamava João...” O pastor entoava a leitura de início do culto. Religiosidade à parte, o pequeno trecho bíblico trazia muita recordação a qualquer circunstante que já tivesse frequentado o Acácia Clube.

Narciso, como sempre, de terno branco e gravata preta, engomado e duro, posava de porta-retrato de namorado em penteadeira de quarto de moça. Mantinha-se numa posição excessivamente ereta no desconfortável banco de madeira da igreja. Sem querer, olhou para o lado. No instante em que vislumbrava os presentes do outro lado da nave, cruzou sem querer com o olhar de Marcília.

Disfarçando o gesto, como se fora um acaso fugaz, concentrou-se no velho livro que segurava de modo automático sobre os joelhos. Distante, a voz do pastor, agora falando sobre as vicissitudes de “uma vida longe de Deus, um candeeiro sem lume, uma lâmpada apagada”, fez com que por um momento ouvisse uma voz dentro de si: “... um sonho sem fantasia.”

Naquela manhã no interior do velho templo protestante, mesmo que não quisesse, Marcília era o centro de seus devaneios. Devaneios que o faziam percorrer todo o universo de sonhos torturantes, pontilhados antes de fantasia, hoje de pesadelos.

A cada manhã, ao se barbear no estreito banheiro da Pensão Solar, onde morava, mirava-se no espelhinho com o canto superior direito quebrado, enxergando-se como algo nada além de um vulto. Vulto apenas da imagem do que já fora. Quase 40 anos, aparentando bem mais, já estivera antes mais viçoso. Hoje não passava desse vulto cheio de dúvidas, angústias e inquietações.

Não fora diferente naquela manhã. Olhava a imagem do homem quase acabado em que se transformara, mas via apenas um rosto fatigado pela insônia. Olhos encovados e a barba por fazer, há três dias, testemunhavam um problema íntimo qualquer. Ele mesmo não saberia identificar que problema era esse no instante em que escanhoava as faces àsperas com uma gilete já quase sem fio.

“*Hino 946*”, ouviu a voz do pastor em meio às cogitações distantes do coração. Todos ergueram-se de imediato, simultaneamente ao som do órgão que explodia solene no interior do templo. Enquanto iniciava a entoação conjunta de quase duzentas vozes, descobriu-se ainda sentado. À volta dele, já começavam a olhá-lo. Ergueu-se.

A senhora ao lado, bem mais alta do que ele, porte quem sabe de européia, curvou-se um pouco para perto de si, indagando: “o senhor está se sentindo bem?”. Desconfortado pela interrupção dos pensamentos e da solidão, forçou-se a responder: “não senhora... isto é, sim, estou”.

Uma vez mais procurou disfarçadamente o canto oposto da outra nave, buscando encontrar o olhar de Marcília. Mas a avistou ocupada no serviço religioso. Ou estaria apenas disfarçando? Não saberia dizer. Aliás, a dúvida era o ingrediente constante de todos os seus pensamentos.

Dúvida que o acompanhava desde o dia em que chegara à Pensão Solar e encontrara ao pé da escada o bilhete de Marcília. Em envelope branco perfumado, o cartão, com o monograma do Grande Hotel, trazia a costureira escrita em letra de forma. Bilhete curto, objetivo. Laconicamente,



liquídava com a esperança de qualquer programa vespertino:

NARCISO:

A GENTE NÃO VAI SE VER  
HOJE. VOU TRABALHAR ATÉ  
TARDE.

MARCÍLIA

O tempo só fez agravar suas inquietações. O hotel em que ela trabalhava como auxiliar da gerência era o melhor da cidade. Aquele hábito de escrever sempre em letra de forma reduzia-o a mero interlocutor, quase comercial, fazendo-o sentir-se algo assim como um fornecedor do estabelecimento. Se tanto. Até porque ele não tinha a menor condição de se sentir hóspede de hotel tão caro. Continuava a morar na mesma pensão barata.

Que queria dizer “vou trabalhar até tarde”?

O calor estava insuportável dentro do velho templo evangélico. Sentiu o suor correr sob o colarinho apertado. A fronte empapada de água, dava-lhe a sensação de estar imundo. Mesmo que ainda sentisse o perfume da loção barata com que se deleitara antes de sair de casa.

Narciso tinha fixação por perfumes. Entre as dúvidas e angústias de sua vida, pairava sempre a sensação de sentir o suave aroma da açucena noturna, do jasmineiro e do roseiral que emolduravam as recordações da infância. Lembrava-se também da única vez que assistira a uma solenidade na Igreja católica local, com o bispo diocesano presente, muitos padres e toda aquela fumacinha branca de incenso. O cheirinho bom do Acácia Clube.

Sentiu, outra vez, a mesma vertigem de quando estivera sentado. O conjunto de vozes da igreja entoava a última estrofe do *Hino 946*: "... vem cedo, vem, Jesus!". Outra vez, a vizinha de banco percebeu. Interrompendo a solidão, os pensamentos, o mal-estar, a angústia, as reminiscências amargas, a mágoa, a velha senhora inclinou-se para ele de novo: "o senhor tem certeza de que está se sentindo bem?"

"Sim, estou muito bem, minha senhora!". A explosão, de súbito, fez com que a maioria das pessoas mais próximas, todas elas a um só tempo, olhassem para ele. Percebendo a grosseria e desejando terminar com tudo aquilo sem muito alarde, em tom mais baixo, completou: "desculpe, estou bem, acho que é o calor aqui dentro". A senhora, encabulada e vermelha, voltou os olhos para o hinário aberto nas mãos sem dizer mais nada.

Quando todos sentaram, ele também o fez. Um pedaço de papel, talvez caído do interior do hinário ou da bíblia de alguém, fê-lo lembrar o bilhete: "Vou trabalhar até tarde". Que teria Marcília querido dizer com aquilo?

Naquela tarde, obstado o programa combinado com a amiga para uma esticada até a cidade vizinha, onde um cinema, um parque de diversões e a cachoeira artificial de uma usina elétrica constituíam-se numa das mais variadas opções de lazer para os fins de semana, resolveu dar ele mesmo uma longa caminhada.

Saiu andando, apático, alheio a tudo, sem perceber que não trocara sequer a roupa com que esperara Marcília para sair. Sem uma direção definida, foi caminhando no rumo do parque de exposições agropecuárias do local. Passou pelo largo portão de entrada, adentrando ao gramado central, na quietude de mais uma tarde deserta. Não se avistava viva alma.

Não sabendo ao certo que direção tomar, rumou para a antiga alameda de eucaliptos, que dava para um bosque de pitangueiras extremamente denso, existente no fundo do par-

que. Essas lembranças eram sempre amargas. Mesmo assim insistia rememorar fatos que o constrangiam, fazendo-o sucumbir sem tréguas ante a irremediabilidade dos fatos. Embora a decidida deliberação de continuar sucumbindo a ela, foi outra vez colhido para o presente pela sacola do óbulo domingueiro, que corria os bancos do templo. A menina que o segurava à sua frente, enquanto todos em volta tornavam a olhar para ele, repetia insistentemente: “Tio, um trocado para a igreja!”

Maquinalmente, enfiou a mão no bolso, retirou alguns trocados e os depositou dentro do saco. A menina continuou a sua tarefa em direção aos bancos do fundo. Narciso buscou outra vez o canto oposto da igreja. Lá estava ela, Marcília, desta vez olhando fixamente em sua direção. Não com o olhar altivo que sempre mantivera e que tanto o cativava, mas de um modo humilde. Quem sabe, também triste.

Narciso lembrava-se ainda da tia que o criara. Tia Amália Maria, antiga cozinheira do Grande Hotel, falecida há mais de quinze anos. Lembrava-se, por exemplo, do dia em ela repreendera o pai por causa de uma namorada. O pai, com quem mantivera escasso contato após o passamento da mãe ainda antes de fazer dez anos, arrumara uma namorada, camareira na antiga hospedaria, depois transformada na Pensão Solar em que agora ele vivia.

A tia, enquanto servia o jantar para ele e o pai, asseverava a este último: “moça que trabalha em hospedaria e mulher-dama, tudo a mesma coisa...”

“Mulher-dama, mulher-dama, mulher-dama...” aquilo ficara para sempre em sua cabeça. Era homem religioso, frequentava agora o Acácia Clube, tinha um bom emprego na Estofaria São Jorge, onde era empalhador de ofício, e tinha o discernimento dos libertos. Por que não? É bem verdade que quase não estudara, mas isto era outra coisa. Não havia a menor necessidade de estudo para entender aquela situação.

Quando conhecera Marcília, de imediato ficara conhecendo

o perfil da moça de família e caseira. Contudo, aquela estória de gerenciar o Grande Hotel, bateu de frente com a antiga indagação restada do dia em que o pai recebera a descompostura da tia por causa da namorada que trabalhava na hospedaria local: "...mulher-dama!"

Mas não podia ser. Nos instantes em que vivenciara os amargores de sua inquietação, em cada um deles, mortificava-lhe a alma imaginar o contrário que idealizara para aquela doce amiga, por quem passara, do primeiro momento em diante, a nutrir grande afeto.

Em toda a vida, nenhuma mulher lhe dedicara mais atenção e lhe inspirara maior ternura do que ela. No entanto, nenhuma dúvida o atormentara mais do que viver na desconfiança permanente, quanto ao que ela realmente fazia no trabalho. "Arre... cabeça mais ruim a minha, preciso me concentrar no culto. Afinal, mais do que ninguém, preciso de paz...", pensou.

Foi arrancado das conjecturas pelo novo movimento de pés, quando a pequena multidão de crentes erguia-se outra vez na igreja. Ainda teve tempo de voltar à realidade e ouvir o pastor concluir: "Irmãos, Deus dá, Deus tira; pois só Ele tem o poder de tudo fazer. Oremos!"

"Sim. Deus dá e tira a seu bel-prazer", pensou. "Mas será que Deus tem mesmo prazer em nos fazer penar sob o cutelo de seu imenso poder?"

"... Seja feita a Tua vontade, aqui na Terra como no Céus... porque Teu é o Reino e a Glória para todo o sempre".

Enquanto o hiato de silêncio compreendido entre o fim da prece e as derradeiras palavras do pastor servia de fundo para inúmeros pigarros e pequenas tosses, Narciso, em dúvida entre olhar outra vez para a esquerda e sentar-se, foi tomado outra vez por indagações interiores, acumulando a perturbada cabeça com mais dúvidas: "estou enlouquecendo".

Ainda assim, olhou para o lado.

Ali estava. Bem diante dele, olhar fixo no seu. Marcília.

A mesma blusa amarelo-claro, o mesmo penteado discreto que tanto o fascinava. O olhar cor de mel, a boca, o delicado pescoço. A voz. Ah, a voz. Aquela voz que era prece e música ...

Pareceu-lhe vislumbrar um sorriso. Será? Quem poderia dizer? A crueldade seria maior. Muito maior do que aquela pela qual passara na tarde anterior. Voltara ao parque de exposições. Quem sabe para sofrer mais. Quase assim como “um bandido que volta ao local do crime”.

Olhava na direção de Marcília. Mas não a via mais ali no meio da nave do templo. Os pensamentos estavam outra vez no bosque das pitangueiras. “Meus Deus”, quase gritou dentro de si, “a vida tem mesmo que ser assim?”

Via-se caminhando outra vez, sem rumo pela alameda dos velhos eucaliptos, na direção do bosque escuro. Ainda tinha o frio vento de outono a bater-lhe no rosto, sentindo sob os pés as primeiras folhas que se desprendiam das árvores e deixavam-se amassar enquanto passava. Sentia o frescor da tarde e o prazer da solidão.

A nave do velho templo era aquela alameda. As pessoas, os eucaliptos. A única diferença era o calor, que ele até já nem sentia mais. Lá, do outro lado da nave, no bosque, estava Marcília. Via-se andando de novo no rumo do desconhecido. Nunca nada fora tão incógnito quanto o ignoto bosque do fundo do parque, onde em toda a vida jamais estivera antes. “Mas, por que, Deus, tinha eu que lá estar, justo naquela hora?”

Engraçado. A mesma blusa amarelo-claro. Os mesmos olhos meigos, agora fixos em sua direção, o mesmo penteado discreto. O eterno charme da moça bem-educada e refinada. Pareceu-lhe vislumbrar os traços de um maldissimulado sorriso. Será?

A imagem que lhe vinha à cabeça agora era a mesma do instante em que adentrando ao bosque escuro das pitangueiras, colocou-o em face daquela cena dolorosa. Outra vez na memória o bilhete em letra de forma: “... Vou trabalhar até tar-

de”. E novamente na cabeça a expressão de zanga da velha tia repreendendo o pai quase esquecido: “moça que trabalha em hospedaria e mulher-dama são tudo a mesma coisa...”

O bosque escuro e fechado. A aragem fria de outono. As folhas caídas. A solidão do parque. Ninguém, nem mesmo um pássaro. Somente o farfalhar do vento. E, num repente, aqueles gritos abafados, agoniados, os suspiros altos, o êxtase, aquela voz tão conhecida, quase música, quase prece...

O outro lado da nave. Outra vez o bosque. Os eucaliptos, a alameda, as pessoas-árvores. O pastor, o vento. O órgão, os risos e os suspiros abafados. A impotência ante os fatos. A vida inteira fora assim. A impotência contra a própria vida. A morte da velha tia. O pai que nunca mais aparecera. “Mulher-dama...” Quem sabe onde estaria?

O Acácia Clube. O clube de bilhar e o bar, há tanto não frequentado. A Igreja do Evangelho Quadrangular, o último reduto de paz e de sossego. A oficina de estofamentos, o ofício de empalhador. Os passeios com Marcília pela cidade vizinha. A paisagem e a velha usina de força. O parque. O cinema. O passeio jamais realizado com ela ao parque de exposições agropecuárias: “Meus Deus, apiedai-vos de mim, que pequei por vontade de matar...” rogou do mais profundo íntimo cristão.

O cabelo sempre tão bem penteado. As roupas, por vezes exóticas, mas sempre tão bem-arrumadas. Os ternos de linho branco. Os lenços, sempre coloridos. As pessoas gostavam de reparar nele, até mesmo quando estava com o empoeirado macacão de trabalho na oficina de estofamentos. Seu Desidério, o patrão, sempre elogiava: “Seu moço, você está chique mesmo, que bom gosto o senhor tem”.

Tinha a certeza que seu Desidério o considerava muito pela dedicação ao trabalho e pelo capricho com que se apresentava para o serviço. Via-o sempre considerar seus atos, até mesmo no Acácia Clube, quando se referia a ele com a maior

admiração. Aliás, fora ele mesmo quem o introduzira no Clube. Também tinha sido o patrão que o convencera a freqüentar a Igreja.

Por duas vezes o convidara a jantar em sua casa, insistindo para que levasse Marcília. Lembrava-se disso com orgulho. Aqueles momentos raros eram caros para ele. Mas já não representavam mais nada. Pelo menos desde a hora em que fora andar para os lados do parque de exposições agropecuárias. Principalmente, porque nada tinha a fazer no bosque e assim mesmo caminhara em sua direção.

Os risos e os suspiros. Os gritos angustiantes e abafados. A conversa nem alta, nem baixa. O tom intimista o suficiente para reconhecer a voz. A atração repentina para o escuro do mato fechado. O longo silêncio que se sucedeu, até se deparar com a cena.

A cena. A vontade de matar. Seu Desidério dizendo: “Olha Narciso, não é o que você está supondo...”. Lembranças amargas demais e a vontade de matar. A ânsia e a raiva. Antes, virara às costas e saíra andando como um autômato, sem rumo. Agora, entre os circunstantes da igreja, como um robô, outra vez começara a andar na direção de Marcília.

A nave e o bosque de eucaliptos. “Minhas mãos são as minhas armas”. Os dedos envolvendo o pescoço quase louça da china. A voz de música e prece num ganido. A perplexidade dentro da igreja. Aos poucos, desfalecendo, sentindo o peso do corpo quase exangue, ouviu as vozes, os gritos entre os sons do cântico, findando por completo o *Hino 327*: “... segura na mão de Deus e ...”

Alguém o arrancou do que estava fazendo.

Não se lembrou de mais nada. As idéias tão confusas. “Engraçado, não consigo me lembrar do meu pai”. Também não se lembrava de mais ninguém, nem da tia Amália Maria, nem de Marcília, nem da senhora com porte europeu ao lado, perguntando-lhe se estava se sentindo bem. De nada.

As paredes brancas do hospital. A cama de ferro. As barras na janela. Todo amarrado na cama, pensou: “estou muito mal, acho que consegui enlouquecer...” Mas não se lembrava de mais nada ou de mais ninguém. Somente do antigo patrão, o seu Desidério. Ontem ele viera visitá-lo. Não sabe bem porque ele indagara pelos medicamentos que estava tomando. “Curioso, ele nem médico é...”

Na segunda-feira, o jornal local estampava em primeira página o escândalo ocorrido durante o culto de domingo na Igreja do Evangelho Quadrangular:

*Ontem, durante o culto dominical da Igreja do Evangelho Quadrangular, Narciso Bento de Souza, operário da firma Desidério Luz, tentou estrangular a jovem Marcília Lair de Freitas. Testemunhas que impediram o assassinato, afirmam ter o citado gritar: “moça de hospedaria e mulher-dama é tudo a mesma coisa!”*

*Desconhece-se a razão do infasto acontecimento. Levada para o hospital de caridade local, onde foi medicada e passa bem, a vítima teria declarado desconhecer os motivos que levaram o funcionário do sr. Desidério Luz a tentar matá-la. Tanto o dr. Pacheco de Lima como o sr. Desidério e alguns outros membros do Acácia Clube, também freqüentado por Narciso Bento de Souza, não*



souberam explicar as razões que o levaram a praticar semelhante ato. Todos são unânimes em afirmar que o mesmo tem sido um dos mais calmos e pacatos sócios daquela agremiação.

O dr. Pacheco de Lima, diretor do hospital de caridade, afirma que só pode ser problema hereditário. O pai de Narciso foi, certa vez, acusado do assassinato de uma mulher encontrada morta na despensa de um hotel de Lavras. Fora, anos depois, absolvido por falta de provas.

Marcília Lair de Freitas, que passa bem e deve ter alta depois de amanhã é filha de uma das mais conceituadas famílias da região, sendo assistente da gerência do Grande Hotel.

Enquanto as pessoas liam a notícia nas páginas do *Semanário*, como a coisa mais sabida e conhecida do mundo, por falta de médico ou de quem melhor soubesse operar um recém-adquirido aparelho de ressuscitação, falecia no Hospital de Caridade Dona Nair de Lima, Narciso Bento de Souza.

Uma parada cardíaca, diagnosticada depois como decorrência de um medicamento trocado, teria sido decretado como *causa mortis*. Na outra segunda-feira, novamente, o *Semanário* teria novo pretexto para explorar um gênero de notícia que tanto atrai e fascina pessoas em todas as camadas sociais.

O erro do serviço de enfermagem não pode ser imputado a ninguém, em face da falta de qualificação profissional do pessoal empregado naquele estabelecimento de saúde. O dr. Pacheco de Lima, com pesar, assim se manifestaria sobre o ocorrido: “finalmente descansou em paz o nosso amigo. Perturbações que o acompanhavam desde a infância levaram-no ao gesto extremo. Tenho certeza de que onde está, está melhor”.

## Torresmo Doce

O rapaz entrara na faculdade e teria que estudar na Capital. Morando no interior longínquo e de difícil acesso, quase sem estradas e com precário transporte, começava a preparar-se para passar os próximos anos longe do rincão natal.

A família decidiu, então, que Nestor devia se despedir dos parentes que habitavam mais distante ainda. Havia principalmente o tio Epaminondas, uma espécie de patriarca dos Alencar Maciel, que não poderia ser esquecido em hipótese alguma.

Irmão mais novo da falecida avó Biloca, não tinha filhos. Viúvo há longos anos, era fazendeiro respeitado e o filantropo preferido dos pobres da família.

Nas cercanias de Pedra Dourada, não havia criança sem pai que não acolhesse e criasse, provendo-lhe sustento e educação. Proprietário de imenso armazém de beira de estrada, ao qual a numerosa clientela curiosamente se referia como “a farmácia grande”, passava dias inteiros em diligente administração.

Muito respeitado no fim de mundo onde residia, era quase idolatrado por familiares menos abastados, a quem periodicamente socorria. Como agora, quando o jovem Nestor necessitava se mudar para a Capital.

Aprovado no vestibular de medicina, o jovem estaria na iminência de estreitar as posses do pai, remediado comerciante de secos e molhados, não fosse o tio-avô. A família não dispunha de condições para mantê-lo longe de casa tanto tempo as-

sim, garantindo-lhe alojamento, subsistência e manutenção dos estudos. Não fora o providencial socorro financeiro do velho tio, estudar na Capital seria aventura por tempo determinado.

Tio Epaminondas era rico e perdulário. Contrariando a antiga regra dos parentes abastados, usurários e sovinas, insistia em ser exatamente o oposto. Homenzarrão de quase um metro e noventa, ligeiramente arqueado pelo curso dos anos, era também imensamente gordo. Aos 68 de idade, ainda pesava quase 120 quilos.

Comilão exemplar, passava o dia inteiro a ruminar guloseimas e a rememorar festas por onde andou vida a fora. Inúmeras eram as recordações de leitoas pururucas, paletas de ovelha assadas no mel, ambrosias e quitutes sem-fim, consumidos além fronteira e que costumava, com freqüência, discorrer a atentos ouvintes entre uma refeição e outra.

Outro gênero de recordação, freqüente nas intermináveis conversas à volta da gigantesca mesa de jantar, era a memória de tia Leontina. A jovem esposa que o deixara viúvo há mais de trinta e cinco anos, por conta de uma intoxicação alimentar. Jamais cansava de comentar a formosura e os dotes culinários da falecida.

Raramente saía de casa. A pretexto de desincumbir-se dos negócios do grande armazém, da guarda dos pequeninos que cuidava e para evitar indisposições estomacais em refeições alheias, entretinha-se com as próprias iguarias. Para isso, servia-se dos cuidados de Medarde, cozinheira quarentona que o acompanhava desde a morte da empregada anterior. A outra, morta com bem mais de 70 anos, servira-o desde que perdera a mulher.

Tio Epaminondas recebeu o sobrinho-neto com a sincera alegria de sempre. Não fazia reservas nas demonstrações de afeto e apreço. A ninguém. Tudo era pretexto para comemoração. Visitas de inúmeros parentes não importando o grau, aniversários de familiares de casa, matrimônios – até mesmo na

criadagem também extensa —, feriados civis, dias santificados, tudo motivava nem que fosse um bom jantar.

O rapaz não pretendia se demorar.

O velho tio-avô, ruminante e falastrão loquaz, também não era o que se podia chamar de a simpatia em pessoa. Com aquela história toda de comer sem parar e passar o tempo inteiro a rememorar antigos cardápios, era tido e havido como o chato emérito do lugar. Quem não tivesse ouvidos pacientes e estômago resistente o bastante para suportar a farta mesa quatro vezes ao dia, dificilmente o agüentava mais que algumas horas numa única uma tarde.

Nestor viajou de casa muito bem recomendado pela progenitora. A cautelosa sobrinha do velho, por conhecer em detalhes os seus costumes, era prudente o bastante para ensinar o filho a não manifestar qualquer desagrado ao tio. Principalmente agora que ele estava assumindo a continuidade de seus estudos.

Um pouco antes do almoço, a bordo da jardineira que fazia a linha entre Estrela e Pedra Dourada com escala no grande armazém, chegou. Recepcionado com efusividade, ouviu ser decretado que no jantar daquela noite seria servido guisado de miúdos bovinos à moda castelhana. Imediatamente começou a ouvir casos relacionados com a iguaria.

Nem houve tempo suficiente para se refazer da viagem por maltratada estrada de terra. Ao meio-dia em ponto, convocado para a grande mesa, dividida pelo tio e quase uma dezena de convivas eventuais, obrigou-se a mastigar e a engolir, quase sem vontade, uma série de quitutes diferentes.

Do almoço à merenda das três e meia, entre raras indagações sobre a disposição para uma nova etapa de estudos, foi instado a acompanhar o tio-avô por galpões entulhados de gêneros e mantimentos. Para cada produto, o velho tinha um caso a contar. Histórias acerca de iguarias que degustara alguma vez, em algum lugar.

Clientes chegavam e saíam do estabelecimento rupestre, a pé, a cavalo ou pilotando algum tipo de utilitário. Até que chegou a hora de cerrar as grandes portas, com o auxílio de quatro meninos agregados a seus domínios. Não, sem antes reparar numa quase alcatéia de molecotes que, findo o dia, brincavam em algazarra insuportável do outro lado da estrada, bem em frente à casa grande.

Ouviu o tio-avô chamar pelo Dito, outro agregado, que desempenhava funções equivalentes às de gerente do armazém, determinando energicamente que trouxesse um caramelo para cada uma das crianças. Indagado de longe, de quantos seriam, numa rápida conferida, a exemplo dos experientes contadores de tropas de gado, foi logo informando que eram treze. Virou-se para o sobrinho-neto e perguntou se também queria um. Ao que o moço aquiesceu, lembrando-se da recomendação materna para não desapontar o avoengo.

— Traze-me quinze. Não. Uns vinte, que também vou comer alguns — bradou o velho. E continuou:

— Põe umas cadeiras na varanda, que vamos prosear um pouco.

Sentaram-se. O velho começou a dissertar sobre assuntos vários. A conversa ia de frutos cristalizados a chocolates. Lembrou dos queijos que saboreou na única vez que fora à França. Com reverência quase religiosa rememorou merengues e caldas geladas.

Enfim, o entardecer chegou carregado de um pôr-do-sol alaranjado, melancólico, silencioso. Ocasião em que Medarde refogava torresmos no alho em panela de ferro, preparando o tempero para o feijão do jantar.

Tio Epaminondas, momentaneamente emudecido, suspirou profundamente, deixando exclamar:

— Ai, que saudade! Que saudade me dá!

O jovem Nestor foi tomado de intensa tristeza. O bucólico da paisagem, o silêncio tristonho do entardecer e o estado de

alma repentinamente revelado pelo tio quase o comoveram. Ouviu o velho dizer outra vez:

— Ai, que saudade. Que saudade da Leontina!

A inesperada evocação da esposa, a qual só conheceram mesmo parentes mais antigos, mas permanentemente lembrada por ele, fez com que o sobrinho-neto se emocionasse quase às lágrimas.

Claro, o tio-avô era um chato. Chato bondoso, mas cansava qualquer um. O modo de vida farta, o temperamento bonachão e a insistência de falar de si o tempo inteiro, repetindo casos sobre os preparados que degustava, sempre impeliam o interlocutor ao fastio.

Antes de embarcar na jardineira que o tinha levado aos confins de Pedra Dourada, Nestor ouviu mais de uma vez a mãe recomendar que ele tivesse paciência com o pobre velho. Afinal, ele não prejudicava ninguém com a mania bizarra de só falar de comida e viver de louvações alimentares.

Chegara, desse modo, todo cheio de cuidados à “farmácia grande”. Não queria causar má impressão ao tio da genitora. Até porque sabia ter sido o velho quem, entre outros benefícios, ajudara o próprio pai a abrir o pequeno estabelecimento comercial em Estrela, do qual ele e os seus viviam.

Não desejava dar demonstrações de contrariedade.

Fez de tudo, superando a natural impaciência dos jovens, no sentido de aparentar contentamento com os festejos do tio-avô. Demonstrou, com esforço, que o almoço era dos mais saborosos. Queria, seguindo a recomendação materna, impressionar o parente anfitrião, parecendo efetivamente interessado por seus gostos e apetites.

Estava a tal ponto deixando-se seduzir pelo gordo tio-avô, quando este soltou a exclamação de pesar e saudade, relembrando a figura da esposa Leontina. Ela era quase uma lenda para os da família que não a conheceram. O crepúsculo, a solidão do lugar, o cheiro da fritura dos temperos, o bucólico

ar da desolação, tudo era motivo para a emoção.

— Ai, que saudade da Leontina! — disse o velho mais uma vez.

Que dizer, então, em casos iguais a este? Principalmente quando a aproximação ao interlocutor é forçado procedimento de boa educação e um pedido materno. Seguramente nada havia para ser dito, a não ser manifestar tacitamente a solidariedade por meio da companhia silenciosa, deixando-se também comover pela circunstância da carente saudade expressa pelo outro.

O cheiro do torresmo frito, o alho exalando o odor característico da banha quente em panela de ferro sobre fogão a lenha. O entardecer bucólico. O jantar chegando. E o velho a repetir:

— Quanta falta que eu sinto da Leontina!

O rapaz já ia começar a chorar copiosamente de pena do velho, quando este arrematou:

— Nunca mais ninguém conseguiu fazer um torresmo doce igual ao que ela fazia!



## O Suicídio do Cinamomo

Em plena madrugada de chuva, o inesperado estrondo seco, seguido do barulho de alguma coisa rachando, dava a impressão de que a velha casa de madeira estava vindo abaixo. A família toda foi arrancada do sono num sobressalto terrificante. Lívia, a filha caçula que dormia no quarto contíguo ao dos pais, deparou-se já no corredor com a mãe que tentava andar no escuro.

A primeira preocupação da menina era com o irmão logo acima dela, que dormia na sala. O aposento ficava no lado da casa de onde tinha vindo o barulho. Tinha angústia na voz:

— Mãe, cadê o Victor?

Dona Bianca, olhos esbugalhados de espanto, imediatamente tentou alcançar a passagem para o espaço da pequena área de lazer da família. Tropeçou em alguma coisa no chão.

Com o pé doendo, continuou a tatear no escuro, em busca do interruptor de luz. Mas se lembrou então de que ele ficava na outra ponta do corredor. Havia alguma coisa sobre o linóleo encerado, que bem podia ser uma cadeira caída ou um banquinho virado.

Quando finalmente alcançou o interruptor, ele não acendia. A luz acabara. Nesse momento ouviram o pai esbravejar no quarto, reclamando que a lanterna outra vez estava fora de lugar. As duas tinham esquecido dele completamente.

Instantes depois, enquanto continuavam a tatear para encontrar uma passagem sobre o inesperado obstáculo, um clarão

no fundo do corredor indicava que o velho Alcides já encontrara a lanterna. A dois passos das duas, com o ar de ira e desespero que o caracterizava, indagou:

— O Victor falou alguma coisa?

A pergunta, um tanto insólita para o momento, só fez aumentar o desespero de mãe e filha.

— Tem qualquer coisa caída no chão, que está atrapalhando a passagem e não deixa a gente entrar na sala — disse a menina.

O velho focou sobre o volume. Era um caixote de sabão, utilizado para guardar bugigangas. Estava virado sobre o linóleo, com parte do conteúdo de cadernos e livros esparramado no estreito corredor. “Quem deixou essas coisas todas aqui”, já ia o velho Alcides bradar, quando a menina exclamou:

— Olha mãe, são as coisas do Sandro!

Imediatamente, os três lembraram-se então da partida do filho mais velho, na véspera, para a Capital. Por um instante, foram traídos pela lembrança do rapaz na estação de trem antes de embarcar: “Não vou precisar voltar mais nesta terra maldita”, dissera.

— Quem está aí? — veio a voz por traz do monte de livros, acompanhando o túbio lume de uma chama de isqueiro a gasolina. A voz de Victor interrompeu o breve momento em que os demais se confundiam com a lembrança do irmão mais velho.

Foi a vez do pai falar:

— Que aconteceu, meu filho?

— Não sei. Estava dormindo e acordei com essa essa barulheira de vocês.

— Você está bem, Victor? — indagou a mãe, incrédula.

— Tem alguma coisa quebrada na casa? — tentou saber de novo o pai.

— Sei lá.

— Então, que foi isso? — insistiu a menina Lívia.

O pai já dera meia-volta. Fora ao fundo da casa, próximo à cozinha, verificar o quadro de força. A mãe, ainda incrédula e com o pé latejando, tentava desobstruir o corredor. Havia mais de uma caixa com livros e guardados, do filho mais velho, espalhados pela entrada do corredor e por meia sala.

— Como é que essas coisas todas caíram e você não ouviu nada, se elas estavam tão próximas de você? — ensaiou novamente a mãe.

— Sei lá, dona Bianca.

Neste momento, um clarão iluminou a casa inteira pelo vão das venezianas. Seguiu-se novo estrondo. Através da janela podia-se perceber, então, o crepitar de uma fogueira.

— Alcides, depressa, corre que tem fogo na sala! — gritou a mãe, ao tempo em que Victor abria o janelão de madeira de par em par.

A velha árvore do jardim, de sombra fresca e fechada no verão, a robusta planta que também servia de referência ao endereço da casa de madeira, estava quebrada pela metade qual feixe de graveto seco.

Bem no meio do tronco retorcido, onde se dividia o que antes era o grosso tronco e a copa frondosa, agora caída sobre o extenso jardim de grama verde, um fogaréu de chamas claras crepitava bem à altura da janela. Mas a chuva já começava a apagá-la.

Enquanto outro clarão era imediatamente seguido de novo estampido grave e seco, desse turno um pouco mais distante donde estavam mãe e filhos, o pai retornava veloz do fundo da casa sem ter tido ocasião de efetuar o conserto. Chegou a tempo ainda de ver a última chama extinguir-se com a chuva, cada vez mais torrencial. Os quatro, perplexos, começavam finalmente a entender o que se passara.

No momento em que o raio caíra sobre a velha árvore, atingindo-a a meio caule, o peso dos anos e a fraqueza de quase um século de existência, não lograram evitar o sinistro. Rom-

pendo-se as últimas resistências que costumam sustentar velhas árvores, quebrou o cinamomo. Na queda, bateu com força do lado de fora da parede, onde estavam empilhadas as caixas do filho mais velho.

O ruído de terremoto produzido na queda da árvore, com a parede externa da casa sendo atingida e provocando a derrubada das caixas de livros, terá sido concomitante ao estampido do raio. Se isso apenas não bastasse, incandeceu-se a madeira seca da parte interna do miolo.

Na janela, estáticos, os quatro observavam a cena. Se naquele instante alguém fosse louco o bastante para enfrentar o aguaceiro, passando em frente à velha casa de madeira, seria surpreendido pela imagem que ali se produzira. Parecendo moldura de fotografia antiga, a esquadria da janela aberta cercava o pequeno grupo de familiares numa pose patética. O espoucar dos relâmpagos, como se fosse o piscar de *flashes*, revelava os quatro a meio corpo, de olhar fixo na escuridão, dando a impressão de que pareciam prescrutar o autor de toda aquela destruição.

Victor tentou aparentar naturalidade:

— Parece a noite em que choveu dentro de casa. Seu Alcides e dona Bianca passaram a madrugada de rodo na mão. Lembram?

Ninguém proferiu palavra.

Não era exatamente uma tragédia. Mas nos últimos tempos, quase tudo fora do normal costumava transtornar a família. Tanto, que a lembrança de Victor, de uma época quando os filhos ainda eram pequenos, foi imediatamente incorporada à sua pequena coleção de desgraças.

— Naquela vez — disse a mãe — eu e seu pai nos enganamos sobre a chuva, deixando os carpinteiros irem embora sem recolocar às telhas no lugar.

Ela se referia à modificação da cumeeira, determinada por uma reforma da casa, há anos. Ninguém se dera conta de que

poderia chover à noite. E choveu. O jeito foi acomodar os filhos na sala, sob uma lona de barraca, cobrir os móveis com plásticos e passar o resto da noite tirando água de dentro de casa.

Aquilo tinha acontecido há muito tempo. Dessa vez fora diferente. O velho cinamomo, quase um símbolo do lar e da família, vitimado pelo imprevisível, tombara partido ao meio. Não havia mais como remediar a perda.

O velho Alcides, mudo, continuava a contemplar dentro da escuridão o vulto da árvore tombada, com o miolo do tronco ainda em brasa. Num segundo, a vida correu-lhe na memória. Tantos anos naquela casa.

Lembrou-se das cricunstâncias que o levaram a adquirir, fazia vinte anos, o terreno em que construira a morada de madeira. Por duas vezes alterara o projeto original. Insistiu em recuar a obra o suficiente, preservando o robusto cinamomo e o incorporando à paisagem doméstica.

O filho mais velho ainda era menino. Vivía encarapitado no topo da árvore. Um dia caíra e cortara o joelho numa pedra. Corte profundo. Precisou de pontos. Curado, voltara a subir nela. Brincadeira seguida pelos outros dois filhos. Até a menina. Às vezes era obrigado a ralhar com eles. Quando o alarido era excessivo, costumava assobiar. Um silvo longo e agudo. Só para lembrar que estava por perto e não estava apreciando o assanhamento das crianças.

Quando o assobio não resolvia, era obrigado a sair da pequena oficina de encadernação no fundo do quintal, tirar a cinta e dar umas lambadas. Aí sossegavam. Mas não por muito tempo.

Alcides passava horas e horas gastando as mãos e os olhos naquele ofício tão apreciado por todos. Durante longo tempo fora admirado como se fosse um ourives que fabrica jóias raras, burilador de coisa bonita que todos queriam ter. O ano inteiro tinha o que fazer. Vinha gente de longe, até de outras cidades, para encomendar encadernações e dourações. Era moda

na região ter livro encadernado por ele. Foram mais de vinte anos. Trabalho com o qual manteve a família e fez os filhos estudarem.

Uma moda que estava passando. Nada mais era como antes. Raros eram os que ainda mandavam encadernar seus livros, revistas e coleções. Parecia que muita gente nem pensava mais em ler. A cidade, pequena e sem oportunidades, não tinha muitas opções de trabalho para os filhos que ficavam adultos. O mais velho, rebelde como sempre, fora estudar na Capital. Morava mal. Alimentava-se pior ainda. Já estava definitivamente fora de casa e da cidade. O do meio, auxiliado por amigos da família, freqüentava colégio em cidade próxima.

No ofício da encadernação, permitia-se ter idéias sobre a clientela e os habitantes do lugar. Juízo que fazia das relações destes com a leitura. Daí a opinião sobre os professores do ginásio local: “Gente que não tem o que encadernar é porque não tem o que ler. Quem não lê, quase nada pode ensinar”.

Entrava mês e saía mês, o velho Alcides costurava, colava, dobrava, prensava, debruava, fazia relevos e dourava pilhas e pilhas de livros. Havia até quem trocasse as capas originais de enciclopédias inteiras recém-adquiridas, só para ter aquelas maravilhas feitas por ele.

Enquanto trabalhava ia pensando nos filhos, para quem desejava melhor destino que o seu. O mais velho não escondia a aversão pelo ofício paterno. A caçula era de todo indiferente. O único que parecia se interessar pela profissão era o do meio. Mesmo assim Alcides tinha quase certeza de que o interesse deste nada mais era do que uma forma de carinho, para demonstrar uma atenção que nunca recebera dos outros dois. Onde ele concluía que também a este filho o ofício não interessava. Trabalho para o qual antevia irremediável declínio.

Durante anos, desde que a casa ficara pronta e a família mudara-se para ela, assistiu os filhos cumprirem a rotina dos despreocupados. Acordar cedo, tomar café, ir à escola, voltar

na hora do almoço, fazer lição sobre a mesa da copa, brincar um pouco antes da janta. Algum cinema em certos domingos e, em todos, missa das dez. Durante muito tempo fora essa a rotina deles. Rotina que só começaria a ser quebrada no meio da adolescência dos filhos, quando a estação de trem iria converter-se em programação diária após o almoço.

O primeiro a descobrir o atrativo fora o mais velho. A seguir, o do meio seria também atraído pela mística de assistir à composição que passava às duas horas. Gente embarcando e desembarcando. Encomendas chegando. O rolo de filme para a sessão noturna do Cine Rex. Às sextas, também a fita das matinês de sábado e domingo.

Um hábito que o incomodava. Não sabia bem qual a razão disso. Sentia-se desagradado ao ver os filhos cumprindo o insólito compromisso. A rotina de assistir um comboio que, para eles, vinha do nada e ia a lugar nenhum. Percebia que o desagrado era seguido por familiares de outros rapazes. Levava certo tempo até entender o estranho ritual.

Era como ir à zona. Local de entretenimento sempre duvidoso para os rapazes e que conta com a desaprovação unânime de suas famílias. Mal necessário, segundo alguns. Rito de passagem, segundo outros. Alcides o concebia como recinto a ser evitado sob todos os aspectos, principalmente porque a única referência desses lugares é a fantasia, a ilusão. Já o mundo, como as encadernações, é pura realidade.

A gare e o trem das duas desempenhava o mesmo papel para os mais jovens da cidade. Era diferente do circo, que só vinha uma vez a cada dois anos. Ocasão eventual para a fantasia, também necessária para se viver. Mas com o tempo certo de ir embora. A estação do trem, como a zona, eram devaneio permanente. Eram a incorporação do irreal como permanência de vida. Sentia desgosto ao ver os filhos mantendo um compromisso ilusório, de assídua presença na gare, para ver o trem passar.

Chegara a trocar idéia com dona Bianca sobre isso: — Esses moços gostam da estação e do trem, porque o lugar não dispõe de nenhum atrativo, nenhuma oportunidade. Para eles é a única saída. Descobriram, inconscientemente, que um dia serão abrigados a tomar o trem e ir embora para algum lugar. Mas não passa de ilusão. Em qualquer lugar a vida vai ser tão dura como é aqui.

Quando construíra a casa, há muito tempo, imaginava ficar âncora no lugarejo desconhecido. Não era dali. Escolhera a recém-emancipada cidade, porque imaginava fazer parte de um projeto de futuro, onde tudo havia por construir. Queria que os filhos nascessem num lugar próspero e pleno de chances. No fim desses anos, embora não confessasse, sabia que a única coisa que restara não apenas a ele, mas também à família era aquela casa, produto de outros tempos, em que a arte de encadernar livros ainda valia alguma coisa.

À semelhança da morada de madeira, o cinamomo era símbolo de uma época sem preocupações. Certa vez dona Bianca dissera:

— Quando os filhos são pequenos parece que o tempo não anda e eles jamais vão crescer. A vida, toda ela, parece igual e que vai ser sempre assim.

Entendia o que ela queria dizer. Que só se passa a ter preocupação quando se assume a obrigação de prever o amanhã. Ou, quando se percebe que o futuro é armadilha, às vezes mortal.

Sandro tinha partido na véspera. Ao desperdir-se dele, notara que o olhar do filho mais velho parecia dizer exatamente isto. Estava partindo de vez da cidade. Em breve a família toda estaria indo para outro lugar. O rapaz não voltaria mais à cidade que tanto odiava. Ainda antes do trem encostar, já se ouvindo o ronco do motor diesel por trás do mato de pinheiros antes da curva, ele falara:

— Não vou precisar mais voltar a este lugarejo maldito.



Desde a infância aquele filho tinha sido o mais sacrificado. Bem cedo aprendera que a importância do pai estava no acabamento que ele podia dar ao trabalho que fazia. Ou na satisfação de algum desejo de posse, de ostentação que os outros buscavam através de sua arte. Afinal, era o único artífice em sua atividade num raio de muitas centenas de quilômetros. Não havia nada que impusesse mais prestígio na decoração do que alguns metros de livros muito bem-encadernados. Era para isso que seu pai servia.

Desde menino, as rotinas diárias indicavam-lhe uma programação de sacrifício e muito trabalho. Com o tempo, depois de se ter atirado à aventura de continuar os estudos na Capital, onde mais passava dificuldade do que outra coisa, deu-se conta de que a cidade o acompanhara. Havia uma relação de amor e ódio entre os dois.

No fundo ele teria querido viver nela comodamente, usufruindo de facilidades que alguns conterrâneos podiam gozar. Mas não era fácil. Quando as coisas começaram realmente a se complicar para a família, a mãe viu-se na contingência de apelar aos cerzidos e bordados para auxiliar nas finanças domésticas. Ele fora, então, o filho que mais sentira o começo da mudança. Desde sempre ele tinha sido quem mais se afeiçoara, não à família, mas a casa e tudo que havia nela.

Alcides tinha certeza dessas coisas. Agora, na fração de instante que se seguiu à superação do espanto pela queda da árvore, absorvido o susto provocado por aquele incidente, começava a entender que havia uma relação em tudo aquilo. Uma relação profunda entre o episódio noturno e a iminência da mudança para outro lugar na esperança de uma vida menos difícil.

A velha árvore tombara como que assinalando um símbolo, a marca do fim de um ciclo, o encerramento de uma existência que começara a mudar há muito tempo e que a família não percebera. Não era a cidade que era maldita. Viver nela é que

doia. Havia um misto de sofrimento, impotência e frustração por se ver obrigado a continuar ali sem uma única chance de prosperidade.

Na véspera, depois que Sandro embarcara, quando os quatro retornavam da estação, ao virar a esquina, avistaram pela última vez a imagem da casa com o jardim, o gramado e o cinamomo. Não poderiam supor que algumas horas depois começaria o temporal que iria mudar tudo.

A chuva começava a amainar. Alcides afastou-se do grupo, dirigindo-se novamente ao fundo da casa para consertar o fusível. Dona Bianca encontrou bem depressa uma vela. Victor apanhou de novo o isqueiro a gasolina e a acendeu. Livia começou a repor nas caixas os livros do irmão ausente e a auxiliar a mãe, empilhando-as como estavam antes de caírem.

Quando o pai conseguiu enfim substituir o fusível queimado, dona Bianca ligou a luz. Iluminada a casa outra vez, os quatro constataram que a vida não era mais a mesma. Tiveram entendimento simultâneo de que tudo mudara, embora sem trocar nenhuma palavra a respeito.

Victor procurava dissimular a mágoa por nada dar certo, pela ausência cada vez mais prolongada do irmão, pela pobreza cada vez mais aparente, pela falta de oportunidades no lugar, que agora os obrigava a buscar outro canto em outra cidade, talvez em outro Estado. Sempre disfarçava a condição de ter que ser ele o pára-choque de todas as situações. Igual ao dia em que o pai decidira fazer empréstimo hipotecando a moradia, na esperança de que tudo ainda ia melhor.

Bem que tentou dissuadir os velhos da iniciativa. Mas não logrou convencê-los. Agora era tarde. Tarde demais. O velho cinamomo partira-se. As esperanças também. O pai, finalmente, entendera que devia entregar o imóvel ao Banco.

Os trabalhos de costura também foram insuficientes para auxiliar na subsistência familiar. Muito mais que isto, foram absolutamente nada, no esforço de tentar resgatar a hipoteca.

A família tinha até o fim do mês para entregar a casa. Sandro fora o primeiro a partir. Victor deveria ser o próximo. Aí sobriam os três.

Alcides sabia que estava velho demais para arrumar um emprego, quem sabe encontrar outra ocupação. Não tinha mais cabeça, mesmo que fosse para planejar uma mudança. Naquela noite ele entendia que isto era praticamente impossível. A maior parte das ferramentas já fora encaixotada. Há muito não precisava delas. Apenas algumas ainda eram de utilidade. Vez ou outra serviam nas encadernações grosseiras, nas raras encomendas do Cartório de Registro Civil, um dos raros clientes nesses últimos tempos.

Executado o conserto no quadro de força, saiu para a chuva, atravessou o pequeno quintal e abriu a porta da oficina. Acendeu a lâmpada de sessenta watts sobre a mesa de trabalho. Abriu a gaveta de cima, retirou uma folha de papel e apanhou um toco de lápis. Desejava escrever qualquer coisa sobre os últimos acontecimentos.

Dona Bianca acabou de arrumar a pilha de caixotes de sabão com as coisas do filho mais velho. Ainda não sabia para onde mandá-los. Nem se os levaria na própria mudança. Aliás, não tinha a menor idéia para onde iriam e se daria para levar tanta coisa assim. Victor foi até o banheiro. Cruzou com Livia no corredor, já se preparando para voltar a dormir.

Quase quatro da manhã. Dona Bianca não sabia se voltava para a cama ou se começava a preparar o café. Imaginou que o marido voltara para o quarto. Victor também passou por ela.

— Não esqueça de desligar a luz — falou para o filho.

Primeiro apagou a luz do banheiro, que este deixara acesa. Depois, a da cozinha, a da copa e a do corredor. Entrou no quarto. A cama estava vazia. Antes mesmo que pudesse entender onde mais poderia estar o marido, ouviu um estampido seco.

Não era outro raio.

Os filhos chegaram ao mesmo tempo que ela à porta da pequena oficina. O corpo de Alcides pendia para frente, sobre a mesa. A cabeça imóvel, os olhos abertos, um ponto escuro sobre a têmpora direita, onde aparecia pequeno filete de sangue. A mão direita, caída para o lado sobre uma folha de papel, ainda segurava o velho revolver calibre vinte e dois.

Na folha, uma frase inacabada, três palavras, nada mais: "O cinamomo caiu".

## *Festa do Divino*

A barulheira era grande demais para alguém poder dormir. Guizos, sanfona, pandeiro, zabumba, cantoria cada vez mais perto. No quarto amplo e ventilado, a cama de ferro rangeu mais uma vez.

— Dorme, homem de Deus! — falou a mulher.

Sem dizer nada, novamente virou na cama.

A algazarra chegou mais perto. Alguém cantava. Parecia voz de homem. Voz de negro cantador. Concluída a estrofe, uma multidão de vozes, homens e mulheres, repetia o canto. Agora chegavam tão perto da casa que dava até para escutar a respiração do solista entre uma pausa e outra.

Festa do Divino. Todo o ano a mesma coisa. Fazia tempo que tinha que agüentar esse ritual de ouvir cantigas uma vez por ano. Fazer-de-conta que gostava, servir cachaça, dar dinheiro para a celebração. “Bando de desocupados, até parece que não têm mais nada para fazer”, pensou. Virou-se na cama de novo.

— Avelino, eles estão cantando na nossa porta, acho bom levantar — suspeitou a mulher, continuando:

— Escuta, cantam em tua homenagem.

Amuado, sem dizer qualquer palavra, ergueu-se pelo seu lado da cama procurando os chinelos, enquanto a esposa fazia o mesmo pelo lado dela. Vestiu as bombachas, enfiou a parte de cima do pijama para dentro da roupa larga. Tirou a boina do bolso, enfiou-a na cabeça com um gesto de má vontade.

— Vai, meu velho, abre a porta.

Ele abriu foi a janela. Debruçou-se no madeirame, olhando a gigantesca manifestação que se agitava do jardim à extensa varanda. Aplaudido, de imediato fingiu ar de satisfação, simulando apreciar os festejos. A ovação continuava.

— Ora, Avelino, abre a porta logo. Não vê que eles querem te homenagear?

Sem chegar a externar aborrecimento com mais essa infeliz idéia da mulher, saiu da janela e abriu a porta de entrada do casarão. Não foi necessário convidar ou insistir com ninguém. Num instante, o amplo salão da casa estava repleto. Agora a barulheira da rua era dentro de casa.

À frente da populosa procissão, curioso casal comandava a animação. Um negro septuagenário, metido naquilo que poderia ser, no mínimo, o arremedo colorido da indumentária de um arquiduque, puxava a cantoria. Rodopiando o quanto a idade permitia, andava à volta de bem nutrida mulata, com pouco mais de 20 anos. Esta, com roupagem de idêntica origem, rebolando vertiginosamente, empunhava a bandeira vermelha com o pombo branco bordado ao centro. A bandeira do Divino.

O negro velho, conhecido nas redondezas como Salomão do Bugre, cumpria todo ano o mesmo ritual no comando daquele entrudo. Como nas anteriores, desta vez também trazia na mão direita o “cestinho sagrado”, destinado à coleta de valores nas casas dos “homenageados”. A mulata Aninha, segundo alguns neta do negro velho, que ele mandara vir do Alegrete, participava pela segunda vez da folia.

O curso, com mais de cinquenta integrantes, adentrou em algazarra. Os músicos foram os últimos. O dono da casa, intimamente contrafeito, fazia o que podia para dissimular o aborrecimento. Tentava disfarçar a contrariedade de ter, àquela hora da noite, que interromper o sono para dar guarida ao acontecimento popular da localidade.

Mas, *noblesse oblige*, a encenação representava votos

inúmeros. A recepção, como sempre, contribuía para a popularidade de hospitaleiro bonachão da qual desfrutava. Conceito que dividia com os de excêntrico e usurário, pelos quais também era afamado.

A cantoria continuava.

— Avelino, vê se serve uma cachaça para essa gente.

Dirigiu-se maquinalmente até a cristaleira de peroba roxa, impecavelmente polida pela mulher. Abaixou-se um pouco, abriu a portinhola do compartimento de suas próprias bebericagens, escolheu um frasco da mais barata. Retornou ao centro do folguedo. Aí reencontrou a mulher, já munida de uma bandeja enorme, repleta de copinhos. Destampou, começou a despejar o líquido.

— Enche até a boca, Avelino! Não sejas pão-duro!

Recomeçou do primeiro, com cuidado para não perder nem uma gota. O cheiro forte da água ardente trouxe-lhe lembranças da infância. O pai que não conhecera, sempre lembrado pelo mano Belarmino, enquanto este vivera. Quando paravam no alambique, dando um tempo nas lidas do campo ou do armazém, sempre ouvia histórias sobre o pai.

— Vai servindo estes, enquanto pego mais uns copos lá na cozinha — ordenou a mulher.

Lá se fora uma garrafa. Sabe-se lá, quantas mais.

O batuque continuava. Num piscar de olhos, quase todos já tinham se servido de uma dose. “Aí, o paraguaio veio prá cima de mim e ele se meteu na frente, levando a lançada bem na barriga”, dizia o mano Belarmino, enquanto emborcava de vez a caneca de cachaça.

Criara-se ouvindo aquilo. Histórias sobre o pai e dois irmãos mais velhos, um de 14 e outro de 16 anos, na guerra do Paraguai. Ele ainda bebê, em casa com a mãe.

— Seu Avelino, tem mais aí? — indagou o primeiro sedento a interromper a cantoria. “Sujeito mais confiado”, pensou.

Outra vez, a mulher com a bandeja cheia de copos. Dessa vez, maiores, que não havia mais do pequenos. “Meu Deus, vão acabar com a cachaça”, refletiu olhando para os recipientes agora maiores.

— Anda, homem, pega outra garrafa.

Lá se foi ele para a cristaleira. Pegou mais uma. Recomeçou o ritual de despejar a água cheirosa dentro dos copos. Homem precavido, dessa vez só pela metade. Não encheria até a boca de jeito nenhum. Nem que a mulher insistisse. “Como gosta de festa essa mulher”, pensou.

A cunhada Leocádia também gostava. Fora casada com Maneco, o irmão mais velho que acompanhara o pai à guerra. Tão diferente de Belarmino, que morrera solteiro, sem filhos. Homem rude, sem nenhum afeto, enquanto viveu só gostava de trabalho. Mas a mulher era muito diferente. Sabia como ninguém organizar uma comemoração.

— Cuidado, Avelino, assim tu derramas a cachaça!  
— quase gritou a esposa.

Estava entornando a bebida para fora do copo. Enchera-o demais e transbordava. Foi tirado das memórias pessoais. Só faltava essa, com toda essa gente bebendo sua cachaça e ele ainda desperdiçava.

Leocádia dissera-lhe uma vez para não ser pão-duro. Que era o único defeito que ele tinha. Mas tinha sido a vida que o tornara assim. Primeiro, sendo criado pela mãe num fim de mundo sem qualquer recurso.

Possuíam unicamente o campo, que naqueles tempos nada valia. O pai, depois de anos na guerra, nunca mais voltara. Apenas os dois irmãos, Maneco e Belarmino, já adultos, retornariam. Homenzarões. Cabeludos, com a barba crescida até o peito, quase mataram a mãe e ele de susto, ao chegarem, altas horas da noite, que nem assombração.

O primeiro viu a mãe, tomou-lhe a bênção e foi-se embora para os lados da Argentina, onde conhecera uma moça da



vida. O outro permanecera, fora uma espécie de pai para ele e cuidara da mãe até ela morrer.

A vida depois da guerra continuaria a mesma, sem recursos, duríssima. Era preciso muito trabalho para ter o que comer. Mandioca, milho, feijão, algumas vacas de leite e o manejo de alguns novilhos para ter carne em casa. Depois que a mãe se fora, ele e Belarmino continuaram a viver como podiam.

O Passo das Carretas, aos poucos, transfazer-se-ia num importante cruzamento de sal vindo do Rio Pardo com destino às estâncias de gado na fronteira. Entroncamento comercial em expansão. Foi quando os dois construíram o grande armazém, com hospedaria e tudo o mais.

Em breve, tinham o bodegão. Talvez por apreciar uma cachacinha nos momentos de descanso, Belarmino inventara o alambique. Tinha a força de um touro. Era capaz de derrubar um novilho sem auxílio de laço. Curava bicheira, marcava com ferro em brasa, tudo na força bruta, sem ajuda de ninguém. Nas pausas para o lazer, consumia um pouco da aguardente que ele próprio fabricava.

Quando Avelino completara 30 anos, decidira que ele devia se casar. De algum modo ele já sabia que estava muito doente e iria morrer logo. Se não sabia, pelo menos intuía. Arranjou casamento para o irmão na família dos Teixeira Brasil, com a filha mais nova. Decidiram que as bodas aconteceriam quando ela completasse 15 anos. “Isto foi há tanto tempo”, rememorou Avelino.

— Atenção! Atenção! Por favor, um minuto da atenção de todos! — gritava Salomão do Bugre no meio da sala.

A algazarra e a cantoria cederam lugar ao solicitado silêncio. Avelino, próximo ao negro velho, cercado pela pequena multidão que invadira sua residência, segurando a quinta garrafa quase vazia, foi outra vez arrancado de suas lembranças.

Salomão do Brugre começava o discurso:

— Estamos aqui para homenagear o homem que tem a

nossa gratidão. Nosso prefeito estimado, que tanto tem feito por nossa terra. É por esse motivo que eu tenho a honra de...

“Gentinha cretina”, pensou. “Quanto mais rezo, mais as-sombração aparece. Estimado prefeito! Pois sim! Querem é dinheiro, como das outras vezes”, continuou a refletir. Nos lábios o ensaiado sorriso despistava os verdadeiros sentimentos.

A mulher com a qual casara há anos, fruto do arranjo do mano Belarmino, continuava ingênua. Com o passar dos anos, não conseguia atinar, nem por sonho, o que sempre estava por trás de qualquer acontecimento. Principalmente, quando esse acontecimento envolvia episódio político. Faceira, impressionada com tanta louvação, acreditava piamente na sinceridade do discurso de Salomão do Bugre.

— ... e todos sabem que o seu trabalho tem significado muito para o nosso progresso, para o crescimento do Passo das Carretas, que já tem até automóvel. Quero, pois, dizer...

Já nem escutava mais. “Esse Salomão do Bugre é de amargar. Não há campanha para gastar dinheiro em que ele não esteja metido nela”.

Era, de fato, especialista em gastar dinheiro. Até o padre Bento tinha medo dele. “Este aí arrecada dez e gasta cem”, costumava dizer o vigário. Todo ano, entrava nas casas liderando o cortejo festivo, *cestinho sagrado* em punho, recolhendo o *óbulo santo*. Nunca ninguém soube onde ele aplicava essas arrecadações.

— ... são anos de trabalho, anos de lutas, aqui nestas paragens e na Capital, para dar escola ao povo, recursos aos pobres, assistência aos humildes... — continuava o outro a discursar.

“Esse aí está querendo me enrolar”, ruminou Avelino. Sentiu uma cotucada da mulher. Indicava solene que apanhasse outra garrafa. “Avestruz”, pensou, “vai ser a décima”.

Lembrou-se do dia em que o coronel João Maria de Freitas fora até a prefeitura, acompanhando Salomão do Bugre. Que-

ria outra escola rural. A única, funcionava a duas léguas da sede e era muito distante. Desejavam outra, mais próxima, para as crianças das cercanias do Lageado Grande. Uma que se situasse do lado oposto da Coxilha Vermelha.

Era pretexto para mais um emprego. “Dito e feito”, rememorou, servindo nova rodada, “no fim das contas, esse sabido acabou arrumando emprego de professora para Amélinha Bonita, como queria”.

Aliás, a moça era aquela mesma, a mulatinha assanhada que alguns garantiam ser neta do velho Salomão do Bugre. Tentara escapar à “armadilha” por todos os lados. Justificara que as finanças da prefeitura não comportariam novo salário.

Continuaram a insistir. Tentara em vão, como último argumento: “Coronel João Maria, o senhor não acha que esse povo já não sabe demais?”

O coronel não chegava a ser inimigo político. Até porque não tinha a menor condição de enfrentar suas artimanhas eleitorais. Sempre saía derrotado. Mesmo assim, não perdia a oportunidade para o patrocínio de algum pedido impossível. Só para constrangê-lo.

Os Freitas, antes de se transferirem para a Estância da Serra de Pedra, as piores terras da região, viviam no casarão do Taquarembó Dourado. Gente trabalhadora, é verdade, mas igualmente merecedora da mais profunda antipatia por parte do prefeito.

Desde o primeiro dia naquelas bandas, tudo era pretexto para que o coronel João Maria externasse o seu projeto de tornar-se o mandatário local.

Mas o tempo passara, as eleições se sucederam, o representante dos Freitas perdeu todas e, derrota após derrota, o único consolo que lhe restou foi o de “gerenciador de constrangimentos”, de maneira periódica e sistemática, para o prefeito. Como agora, quando o obrigavam a receber em casa aquela gente toda, forçando-o a distribuir sua preciosa aguardente, a ouvir toda

aquela barulheira noite a dentro, quando poderia estar na cama, usufruindo do merecido repouso diário.

E, muito pior, acabar arrebatando-lhe algum dinheiro, submetendo-o à extrema tortura de ter que dar do seu a quem costumeiramente denominava de “desocupados”.

Passara anos trabalhando na acumulação de riquezas. Tudo, em sua vida, estava direcionado a este propósito. Negócios, fazendas, gado e a própria política. Não admitia, nem por um segundo, que justamente aqueles que viviam sempre à espreita de tomar-lhe algum trocado fossem se beneficiar das artimanhas de terceiros.

Terceiros, claro, como o Salomão do Bugre, o coronel João Maria de Freitas, que sempre descobriam uma maneira de subtrair-lhe algum valor.

Além disso, o que mais o irritava era a atitude do filho mais novo, o incorrigível Chiquinho, para com a gente que o amofinava tanto: “Vive dando trela para essa bagaceirada”.

— .... Esposo dedicado, pai extremoso, fazendeiro de sucesso, comerciante honesto, honesto trabalhador, que só tem em mente o bem comum — continuava o negro velho a discursar — ninguém teria feito melhor do que ele por esta terra. Apenas seu Chiquinho, que é como ele e a quem todos nós também muito devemos...

A evocação do filho quase o fez esquecer os sorrisos e as medidas, fartamente distribuídas para dissimular o que na verdade estava sentindo. Por um momento esteve à beira de perder a paciência. “Esse perdulário do meu filho ainda vai me arruinar”, refletiu.

Quando Maneco, o irmão mais velho, decidira casar-se com Leocádia, Belarmino fora contra. Nada o impediria, porém. Apaixonado por uma mulher da vida, transformara-a em esposa. Durante muito tempo ela não passara nem perto da fazenda Soledade, onde então morava com Belarmino. Depois que este morrera, ela viera, já também viúva, perguntar se ele

estava precisando de alguma coisa. Chegara a sentir remorsos pela intransigência do irmão, vivendo tanto tempo longe de Maneco.

Casado com mulher muito mais nova do que ele, por isso inexperiente numa série de coisas, acabaria por apoiar-se em Leocádia. A antiga mulher-dama, avançando em anos, nunca faltara na orientação certa, participando não apenas da vida íntima do casal, como dos negócios e da política.

Fora ela quem praticamente o induzira a disputar a primeira eleição, quando Passo das Carretas se emancipara. Lembrou-se do que a cunhada dissera na época: “Tu és a pessoa mais conhecida nestas bandas, tens uma vantagem que ninguém tem, que é ser conhecido”.

Ela auxiliara na orientação dos negócios, principalmente depois que estes ficaram um pouco de lado por causa da política. Também ajudara nos partos da mulher e na criação dos filhos.

Não contando com o mais novo, os quatro primeiros nunca ocasionaram nenhum grande problema. Tornaram-se logo independentes. Casados muito jovens, cada qual morava e produzia no seu canto, sabedores que do bolso paterno pouquíssima coisa poderiam esperar.

— ... Este homem que é exemplo de pai de família, que tem no semelhante necessitado a inspiração para repartir o que pode, minorando-lhe o sofrimento, dá o exemplo constante da caridade...

“Velho demoníaco. Está me deixando em dificuldade. Ainda vai me forçar a dar o que não tenho”, pensou mais uma vez, interiormente irritado.

Fazia questão de não dar nada a ninguém. Aprendera isto com o mano Belarmino. Primeiro vivendo só com a mãe, à espera de um pai que não retornaria da guerra, fora obrigado a juntar o que podia para sobreviver. Depois, dividindo a necessidade com este, negando-se ao convívio do irmão mais velho,

continuara a superar as dificuldades com muito trabalho.

Belarmino fora quase o pai que ele perdera. “Não te esqueças, se não tiveres o que é teu para gastar, o dos outros é que não gastarás, porque ninguém nada te dará só por seres o que és”. Rememorava os conselhos do irmão, que se concluíam com sabedoria: “por isso é que não se deve dar o que se tem”.

Apreciava sobremaneira, com deleite quase bíblico, a advertência do irmão transformada no principal pretexto de sua vida: “lembra-te, que se pegares todo teu dinheiro e deres um mil réis para cada pobre, além deles não arrumarem nada com tão pouco, tu ficarás sem nada também!”

— ... ainda ontem à noite o seu Chiquinho nos recebia na casa dele, com aquela fartura que é a sua marca registrada. Aprendeu do pai, como sabemos, a acolher o próximo e a ajudar nas obras de caridade. Que magnífico churrasco ele nos ofereceu. Que homem magnífico! Que cavalheiro! Que sentimentos puros ele tem...

Avelino deixou-se anestesiar com as dolorosas informações que lhe chegavam pelo discurso de Salomão do Bugre. “Gastador”, foi só o que conseguiu pensar.

Depois de se casar com Maria Otacília e ter ido viver na Capital, contra a vontade paterna, jogando fora as cinco quadras de campo que recebera do pai, como de resto os outros irmãos, retornara ao lugarejo com uma mão na frente e outra atrás. O sogro tinha quase nada para si, muito menos para dividir com um genro desocupado e gastador.

Por insistência da mulher, muito apegada ao filho, talvez por ser o mais novo, volta e meia era obrigado a socorrê-lo financeiramente. “Agora deu prá receber em casa essa gentinha, gastando ainda mais o que não tem”, exasperou-se por dentro outra vez.

Salomão do Bugre concluía a falação:

— ...é por isso que quero pedir agora uma grande salva de palmas para o nosso anfitrião, o primeiro e único prefeito de

Passo das Carretas, seu Avelino Vieira Leite!

A pequena multidão irrompeu em aplausos frenéticos. Quando começou a diminuir a ovação, novamente a voz de Salomão do Bugre tentava fazer-se ouvir, grave e solene:

— Agora, vamos dedicar a ele e sua esposa, dona Caetana Teixeira Vieira, a “Louvação do Divino”.

Imediatamente recomeçou a cantoria. Avelino não deu a menor atenção à mulher, quando esta apontou para a última garrafa vazia. Ainda havia duas no estoque. Ela também sabia. Mas eram as melhores, de reserva especial. Nem morto as abria. Fez-se indiferente.

Enquanto cantavam o *Hino do Entrudo*, a mulata Aninha rebolava, o velho Salomão do Bugre rodopiava, andando os dois em volta de Avelino. Agora completamente mudo, carranca estampada para quem quisesse ver, em pé, mãos nos bolsos, plantado bem no meio da sala.

Salomão do Bugre rodopiando em volta dele, acompanhado da mulata que rebolava de modo ainda mais enlouquecedor, sacudia o *cestinho sagrado* toda a vez que passava à sua frente. A partir da terceira volta, cada vez que sacudia o cestinho à espera da oferta que não vinha, a multidão acompanhava o gesto marcando a cadência e cantando de modo ensurdecedor.

— Meu velho, eles querem uma contribuição — arriscou timidamente a mulher, com medo de reação negativa do marido, mas falando um pouco mais alto para se fazer ouvir em meio ao alarido.

Avelino tirou devagar a mão fechada do bolso, dirigindo-a ao cestinho. Abriu-a, deixando cair a nota de um mil réis toda amassada, que estivera espremendo entre os dedos no último quarto de hora.

A exemplo da orquestra que interrompe num *staccato* a sinfonia, a sala mergulhou em profundo silêncio. Salomão do Bugre olhou desanimado para o dinheiro. Olhou piedoso nos

olhos de Avelino e outra vez para o dinheiro. Suspirou e, em tom de quase desespero, indagou:

— Seu Avelino, só um mil réis?

— Só. É o que tem hoje.

— Mas seu Chiquinho, que é seu filho e não tem todo esse mundo de campo, gado e negócio que o senhor tem, ontem nos deu cinqüenta mil réis...

— Por isso mesmo. Ele ainda tem pai vivo e eu não!



## *O Homem que Cheirava Bem*

O homem era surpreendente, finíssimo. Boa-pinta, sempre bem vestido, chamava atenção pela excentricidade de hábitos. Senhor de muito charme, só usava perfumes franceses, dos quais era proprietário de extensa coleção de frascos. Dividia-se entre as essências, as águas-de-colônia e as de toalete. Entre todas, preferia as de aroma feminino, justificando serem mais suaves, doces, florais, adocicadas. Ao adentrar a qualquer recinto, quem não o conhecesse imaginava que tivesse passado os últimos instantes em adorável companhia. Ou, não crendo fosse ele mesmo portador das sensíveis emanações, ficava a espreitar a dama que tão docemente se fazia anunciar.

Casara-se um tanto tarde, com bem mais de trinta. A jovem mulher, embora a energia própria da idade, demorou a acompanhar as artimanhas do marido. Se a babá do caçula aniversariasse, enquanto ela lamentava o esquecimento da compra do necessário presente, ele decretava que se lhe desse uma das centenas de águas-de-cheiro extraídas da própria coleção. Num instante a consorte providenciava delicado embrulho com o perfume e os cumprimentos da família.

A casa, ampla e finamente decorada em condomínio de classe alta, tornara-se o espaço mais cheiroso da cidade. A companheira, acostumada aos hábitos bizarros daquele homem maduro, passaria ela mesma a usar um aroma de sua predileção. Ainda que moderadamente e de uma única marca,

comungaria da opinião do marido, de que perfume para ser bom tem que ser francês.

Também o auxiliava na distribuição dos extravagantes presentes. Uma recepcionista da empresa em que este trabalhava, a professorinha do primogênito, uma prima que entrara na faculdade, a cunhada que chegava do Exterior e até uma auxiliar de gerência na agência bancária onde mantinham conta corrente, entre outras, já tinham merecido idêntica homenagem. Todas haviam sido contempladas com amostra dos frascos de seus inebriantes odores. Sem falar desse gênero de cheirosa lembrancinha, havia os mimos e agrados que, vez por outra, distribuía em agradecimento às atenções e favores recebidos.

Nos contatos de negócio, como se esperava dele, não media esforços para agradar, mostrar-se reconhecido. Secretárias, assistentes de diretoria, executivas como ele, funcionárias diversas – mais dia, menos dia –, todas acabavam por receber o produto de seu reconhecimento, transformado no vidrinho de essência estrategicamente retirado dentre os que colecionava.

Era estranho o hábito do marido, que tanto comprava quanto distribuía perfumes franceses como se fossem brindes. Mas por insistência do próprio, sempre acabava auxiliando na remessa das odoríferas gentilezas, enquanto ele mesmo variava a mais não poder os aromas que exalava. Uma hora era preciso enviar um Chanel para a doutora fulana, outra um Givenchy para madame beltrana e assim por diante. Ela até já se acostumara. O problema era a mãe dela.

Desde cedo, a velha manifestara contrariedade à união da filha com cavalheiro tão experiente e de mais idade. Sustentando virulenta cruzada contra o genro, primeiro, duvidou de sua virilidade. Aquela mania por perfume estaria encobrindo a verdadeira natureza do homem. Depois, instada pelas mesuras ao inumerável exército de damas às quais vivia a endereçar preito

de alguma gratidão, assacaria outras acusações.

Tentaria em vão que a filha deixasse de ser tonta, insistindo para que tomasse atitude mais explícita. Após o nascimento do neto mais velho, numa temporada em casa deles, demonstraria claramente a desconfiança. Valendo-se de um hábito do genro, que impunha para cada muda de roupa, não importando que a troca ocorresse numa mesma manhã, a alteração da fragrância correspondente, corria à lavanderia da mansão para garantir a confirmação de suas dúvidas.

As buscas incessantes, que vasculhavam por manchas de batom ou bilhetes comprometedores, tornar-se-iam infernais. Ainda assim, jamais surtiriam efeito. Nem as tentativas de descobrir pistas, com sistemáticas escutas na extensão aos telefonemas dados ou recebidos pelo suspeito genro, resultariam em qualquer comprovação. Na verdade, não comprovaria nada em face da conduta pública irrepreensível. Além das exalações todas, da confusão de odores, dos presentes, das trocas constantes de roupas e aromas, do hábito de usar apenas fragrâncias femininas e de gastar fortunas com perfume francês, nada havia que caracterizasse ato moralmente condenável.

Certo dia uma jovem senhora mudou-se para o condomínio. Divorciada, belíssima, corpo escultural, usava saias justas, coloridas e curtíssimas. Dona de modos estravagantes, ostentava bijuterias chamativas e berrante maquiagem. Em matéria de perfume tinha hábito revelador: a exclusiva predileção por marcas nacionais, as mais baratas e comuns. Perfumes cujas procedências igualavam-se aos que ela própria vendia, em representação domiciliar de conhecida marca popular. Não demoraria muito, a sogra atacaria com argumento imbatível.

Uma noite, o genro saía após o jantar, pretextando reunião no condomínio. Pela primeira vez, deparou-se com o estranhamento da filha, quanto ao novo perfume que o marido

estaria usando. Um pouco forte demais, talvez. Lacônica, com ar de sensível vingança, foi implacável e taxativa na identificação da procedência dos novos odores: “é Avon, ora!”

## *Dívidas e Dúvidas*

— Então, trouxe toda a documentação?

— Quase toda.

— É, mas se não estiver tudo aqui o processo não anda.

Trouxe as certidões negativas?

— Só uma delas. O fórum está em greve. Vão me entregar na semana que vem.

— Como? Se está em greve, quem garante que vai estar pronta na semana que vem?

— É que estão trabalhando de portas fechadas. A cada dia entregam algumas.

— Ora essa! Se estão parados, como é que continuam trabalhando? E se não recebem pedidos novos por causa da greve, porque ainda não aprontaram a sua certidão?

— Sei lá. Me disseram que é por causa do acúmulo de serviço.

— Seja o que for, sem a certidão que está faltando não se pode dar andamento no seu processo de admissão.

— Ué! Minha palavra não vale nada?

— Claro que serve, mas é a praxe. Tem que trazer a certidão, do contrário nada feito.

— Aí vai ficar difícil.

— Difícil nada. Volta lá e tenta arrancar essa certidão com alguém. Afinal, quem é que manda no cartório?

— Não sei bem. Parece que é um tal de doutor Laranjeira.

— Laranjeira? Hum. Não me lembro se conheço. Pelo menos, não lembro da cara, nem ligo o nome à pessoa.

— Também não conheço. Nunca está quando passo por lá. Uma vez eu vi de longe. É um cara calvo. Dizem que fica o tempo todo na piscina.

— Na piscina?

— É.

— Careca?

— Parece.

— Então já sei de quem se trata.

— Lembrou?

— Lembrei. É o Ataxerxes Benedito Laranjeira. Careca, cabeçona esférica, enorme, brilhosa. Pouco cabelo, mas muito esperto. O que sobra em inteligência, falta em juízo. Parece que ganhou o cartório numa troca de favores anos atrás. Não sei bem como. Trata-se de caso meio nebuloso, como sempre ocorre nessas circunstâncias. Ninguém tem certeza de nada. Parece que agora ele não usa mais o prenome. Também é sócio antigo do clube.

— Como assim?

— Sócio, ora. Ele também integra o quadro social da nossa agremiação.

— Só faltava essa. Cada vez entendo menos. Se compreendi bem, o sujeito tem vida mansa por causa de uma transação nebulosa, não aparece no serviço porque passa o dia inteiro na piscina, e ainda por cima arrumou um cartório em negociata. Para piorar você diz que ele até já foi aceito pelo clube. Como é que pode?

— Podendo.

— Isso não é possível.

— Ah, meu “filho”, está cheio de caso como esse.

— No duro?

— Claro.

— Enquanto isso eu tenho que aguardar uma certidão

para também ser aceito?

— Tem.

— Mas não é justo.

— Sei.

— Sim, não é justo. Todo mundo que me conhece sabe quem eu sou. Sou professor do Estado. Sou pobre, não tenho bens, mas também não tenho dívidas. Sou homem comum, como você e como tantos. Todo mundo sabe que nunca tive um único protesto, que nunca deixei de pagar uma só dívida. Tenho vida limpa. Por que eu preciso agora de uma certidão? Para provar o que todo mundo já sabe?

— É precisa. Além do mais, tem o aspecto ético e o moral.

— Mas você sabe que uma certidão não atesta nada além de fatos conhecidos. Afinal, o aspecto ético e moral não pode ser medido com um papel que só mostra se cometi, ou não, infrações previstas em lei. Se eu tiver cometido alguma inconveniência ética reservadamente, será muito difícil que ele se converta em fato notório, de domínio público. Até mesmo uma situação igual a desse Ataxerxes, por exemplo, que vai acabar expedindo a minha certidão, nunca comprometeria o bom nome que me esforço tanto para preservar.

Vejo que você não gostou do Ataxerxes fazer parte do clube.

— Não é bem isso.

— Mas você está discordando da entrada dele por causa de uma estória que ninguém sabe se é verdade, ou não. Pelo menos, não se tem muita certeza dela. O que se sabe de fato é que ele era pintor e não conseguia emprego...

— Então ele não é advogado? Como é que pode?

— Fez Direito depois da Escola de Belas Artes.

— Belas Artes? Mas hoje o homem toca um cartório.

— Pois estou dizendo que ele era pintor. Passou anos na piscina, aguardando trabalho que nunca arrumou. Fez mil pro-

jetos, freqüentou bares de artistas, meteu-se até a dar aulas de teoria e história da arte. Mas era muito chato como professor. No fim foi demitido. Dizem que acabou cheio de dívidas. Depois de um tempo enorme detonando o patrimônio da mãe, sem outra alternativa, começou a trabalhar no escritório de um despachante de cargas rodoviárias. Daí para o cartório não conheço detalhes. Sei apenas que um dia apareceu no ramo, cercado pelo que se conta dele, mandando, dando as cartas. Mas nessa época ele já era membro do clube.

— Quer dizer que a negociata foi aceita numa boa?

— Ninguém tinha prova de nada.

— Continuo não entendendo. Se todo mundo sabe, ainda que sem provas, o caso é de domínio público. No mínimo, o que se poderia esperar sob o ponto de vista ético, é que ele devia ter sido questionado. Além do mais, você disse que ele acumulou muitas dívidas. Antes ou depois de ter sido aceito no clube?

— Eu explico. Ele entrou no clube entre o período em que vivia sem fazer nada e o tempo que passou como despachante.

— E ninguém contestou o clube ter aceito quem não fazia nada e que já estava cheio de dívidas na época do ingresso?

— Acho melhor você acabar com essas dúvidas. Afinal, você ainda não foi aceito. Se eu estivesse em seu lugar ia até o cartório, falava com o Ataxerxes, conseguia a certidão amanhã mesmo e cuidava apenas da própria admissão. Depois, quem sabe, eu discutisse questões éticas e morais dos outros sócios.

— Mas para eu entrar vou ter que trazer uma certidão expedida pelo Ataxerxes em pessoa?

— Vai.

— Se não trouxer, não entro?

— Não.



*Resíduos de Licor...*



## Da Grandeza dos Miúdos

Cremilda Medina

Quando o poeta e ensaísta José Paulo Paes criou a categoria da “literatura do pobre diabo”, ao garimpar a ficção dos anos 30, estava chamando a atenção para a sensibilidade artística capaz de compreender a vida suburbana, os anti-heróis das periferias, o cotidiano que não comparece à produção sociológica. O gesto da arte toca nesse varejo humano que muitas vezes passa ao largo das visões macrossociais. Gente miúda, cenas aparentemente inexpressivas, interiores geográficos encontram no poeta a cumplicidade que os faz históricos. Nesse sentido, *Licor de Amêndoas* procura os cantos obscuros do dia-a-dia dos pobres diabos e lhes sopra a humanidade que o leitor, também gente miúda, gosta de comungar.

É surpreendente que um autor exercitado na pesquisa e ensaio sobre comunicação de massa, com livros publicados nessa área, venha a público, depois de todo um percurso acadêmico numa universidade que preza tanto o texto científico, com ousadia literária. Mais surpreendente ainda que não exiba carpintaria metalingüística, mas escreva com a simplicidade e fluência de um narrador que se funde com as locuções de suas personagens. Os contos deste *Licor*, uns mais alentados, outros mais curtos, numa modulação rítmica que embala a leitura do livro, tramam um clima que oscila também entre um tom maior de sarcasmo perante pequenas burocracias e o tom menor do

intimismo perante os grandes sentimentos do cotidiano. O clima narrativo cativa o leitor ora para a sutileza afetiva ora para o sorriso matreiro que as armadilhas do poder provocam. No fundo, a adesão às histórias (ou estórias, como queria Guimarães Rosa) se dá em duas situações: ou se embarca na aventura do anti-herói e o clímax ocorre quando ele e o leitor se pilham de calças curtas; ou afundam ambos nos mistérios do amor, da vida e da morte e não há clímax, mas a filigrana da angústia.

Tupã Gomes Corrêa tem um gosto por nomear as coisas. Os títulos de seus contos expressam não-metáforas gratuitas, mas a síntese essencial de cada estória. Não fosse a modulação temática, armada com sabedoria artesanal, e por si cada conto resistiria. O subserviente e ambicioso burocrata, o mercador que a todos engana com sua lábia, o pastor moralista e a filha que o desmoraliza pela ginga da cintura, o indeciso amante que nunca cria coragem, o endividado sem saída, as idiossincrasias humanas – como as do homem que cheirava bem, os estranhos acontecimentos temperados pelos docinhos húngaros da velha Natascha, o licor de amêndoas e os fantasmas que retornam –, eis as tramas entretecidas por diferentes narradores que revelam um autor que, para estreante na literatura, acumulou pequenos grandes segredos de estilo.

A primeira pessoa intimista está tão à vontade na narrativa quanto a terceira pessoa do narrador que mostra cenas e introduz vozes ou mergulha no subtexto das personagens. A frase também apresenta tanto a fluência de um coloquial bem-humorado quanto a tensão das angústias humanas. O aproveitamento dos interiores regionais (no caso do autor, reminiscências do Rio Grande do Sul) aflora sutilmente da perspectiva de quem vive a mestiçagem de São Paulo. Os escritores brasileiros são particularmente férteis na execução literária de falares, na expressão de uma língua plural não-aprisionada aos padrões de uma Real Academia. E Tupã Gomes Corrêa se situa nesta linhagem. O prazer da linguagem e da leitura sedutora crescem

em parceria, criador e fruidor vão se unindo no ato lúdico da palavra. Isto se traduz em um clima subjacente ao texto e as tramas narrativas, seja em um conto expandido seja em um conto sintético, vão gradualmente enredando (no sentido próprio e metafórico) as personagens, ao mesmo tempo em que o leitor entra na atmosfera.

Na estética de *Licor de Amêndoas* se funde um universo humano que é privilégio da poética: o cotidiano da gente miúda às voltas com os sentimentos banais. Ambição de um pequeno e interiorano burocrata, esperteza do mercador de ilusões, impotências de amor, dívidas não saldáveis, asperezas entre a pequenez dos dogmas e as surpresas da vida povoam o universo fixado nos doze contos de Tupã Gomes Corrêa. De mansinho, sem megafone literário, sem pedantismo, emerge na estréia literária do autor uma identidade profunda com o imaginário brasileiro que não se veste de gala. Daí, a grandeza dos miúdos.





**Direção editorial:** Carlos Henrique Fernandes Caniceiro  
**Revisão:** Marisa Aparecida Bento  
**Projeto gráfico:** Luiz Guilherme de Carvalho Antunes  
**Capa:** Sandra Maria Ribeiro de Souza  
**Foto do autor:** Fernando de Oliveira Chaves  
**Editoração eletrônica:** Marcos Antonio de Castro



"(...) O ruído de terremoto produzido na queda da árvore, com a parede externa da casa sendo atingida e provocando a derrubada das caixas de livros, terá sido concomitante ao estampido do raio. Se isso apenas não bastasse, incandescceu-se a madeira seca da parte interna do miolo.

Na janela, estáticos, os quatro observavam a cena. Se naquele instante alguém fosse louco o bastante para enfrentar o aguaceiro, passando em frente à velha casa de madeira, seria surpreendido pela imagem que ali se produzira. Parecendo moldura de fotografia antiga, a esquadria da janela aberta cercava o pequeno grupo de familiares numa pose patética. O espoucar dos relâmpagos, como se fosse o piscar de flashes, revelava os quatro a meio corpo, de olhar fixo na escuridão, dando a impressão de que pareciam prescrutar o autor de toda aquela destruição. (...)"

### O Suicídio do Cinamomo



— Mas você sabe que uma certidão não atesta nada além de fatos conhecidos. Afinal, o aspecto ético e moral não pode ser medido com um papel que só mostra se cometi, ou não, infrações previstas em lei. Se eu tiver cometido alguma inconveniência ética reservadamente, será muito difícil que ele se converta em fato notório, de domínio público. Até mesmo uma situação igual a desse Ataxerxes, por exemplo, que vai acabar expedindo a minha certidão, nunca comprometeria o bom nome que me esforço tanto para preservar.

### *Dividas e Dúvidas*



ISBN 8585-85911-01-3